

**Joanna Heim**

**Estudo comparativo bio-psico-social do adolescente em  
cumprimento de medida sócio-educativa na cidade de  
Goiânia - Go**

Dissertação apresentada à  
Faculdade de Medicina da  
Universidade de São Paulo  
para obtenção do título de  
Mestre em Ciências.

Área de concentração:  
Fisiopatologia Experimental  
Orientador: Prof. Dr. Arthur  
Guerra de Andrade

São Paulo  
2009

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Preparada pela Biblioteca da  
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

©reprodução autorizada pelo autor

Heim, Joanna

Estudo comparativo bio-psico-social do adolescente em cumprimento de  
medida sócio-educativa na cidade de Goiânia / Joanna Heim. -- São Paulo, 2009.

Dissertação(mestrado)--Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo  
para obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Fisiopatologia Experimental.

Orientador: Arthur Guerra de Andrade.

Descritores: 1.Adolescente 2.Transtornos relacionados ao uso de substâncias  
3.Cognição 4.Escolaridade 5.Família 6.Fatores de risco

USP/FM/SBD-496/09

**Joanna Heim**

**Estudo comparativo bio-psico-social do adolescente em  
cumprimento de medida sócio-educativa na cidade de  
Goiânia - Go**

Dissertação apresentada à  
Faculdade de Medicina da  
Universidade de São Paulo  
para obtenção do título de  
Mestre em Ciências.

Área de concentração:  
Fisiopatologia Experimental  
Orientador: Prof. Dr. Arthur  
Guerra de Andrade

São Paulo

2009

## **Dedicatória**

Aos meus pais, Maria Amélia Garcia de Alencar e Steven Heim,  
modelos ímpares de dignidade, firmeza, superação e sensibilidade.

Obrigada, mãe!

Obrigada, pai!

## **Agradecimentos**

Ao Prof. Dr. Arthur Guerra de Andrade, por ter me aceitado como sua orientanda.

A Profa. Dra. Alexandrina Meleiro, que pacientemente ouviu as minhas inseguranças e os meus medos, me acolhendo com muito amor e respeito, não me deixando esmorecer diante dos primeiros entraves. Sua generosidade, amizade e seu carinho vão muito além da vida acadêmica.

Ao Prof. Dr. Danilo Baltieri que com sua veia nata de pesquisador me acolheu e me ensinou como realmente se faz uma pesquisa.

A Profa. Dra. Jônia Lacerda que, com seu entusiasmo, conseguiu transmitir muita força, principalmente nos momentos mais difíceis.

Ao Prof. Dr. Antônio Pádua Serafim, pela sua disponibilidade repleta de muita sensibilidade.

Adelaide Caíres pelas sugestões iniciais desse projeto

Ao Dr. Sérgio Rigonatti, meu primeiro contato com esta instituição, abrindo as portas para eu trilhar este belo caminho.

As Sras. Sônia e Tânia da secretária da Pós-graduação em Fisiopatologia Experimental, sempre eficientes e atenciosas.

A Profa. Ruth Ferreira dos Santos, da UNIFESP, por ter me direcionado de forma exemplar no mundo da neuropsicologia.

A Profa. Suely Vieira, da Universidade Católica de Goiás, exímia conhecedora da estatística.

A Ana Paula Werneck de Castro e ao Anselmo Heidrich, muito mais do que irmãos. São companheiros desde o início desta jornada e que sem o apoio deles não teria iniciado esta jornada.

A Marina Elly Hasson, que mesmo a distância foi uma peça chave durante todo este processo, transmitindo muita paz e confiança.

A Maria Emilia Camargo Marinho, cujo apoio e a colaboração foram fundamentais para a conclusão deste trabalho.

Aos colegas dos cursos, pelo carinho oferecido neste longo percurso.

A Rosane Martins, além de colega de profissão e amiga foi meu braço direito nesta jornada.

As colegas Thais Toledo, Kalinka e Thais Miranda, sempre tão prestativas e atenciosas.

A colega Márcia Rocha, que até onde foi possível, atuou ativamente neste trabalho. Tenho certeza que tive até o fim a sua benção e proteção.

Às instituições que permitiram o desenvolvimento desta pesquisa.

A todos os adolescentes deste trabalho que sem eles sua execução não seria viável.

A todos os meus sinceros agradecimentos.

## Agradecimentos Especiais

Ao meu marido, Rodrigo Viana Freire, que reconhecendo a importância deste projeto e o esforço necessário para cumpri-lo aceitou a minha indisponibilidade em vários momentos, sem queixas ou lamentos.

Ao meu filho Pedro, participante ativo desta jornada, mobilizador do mais profundo e inigualável sentimento. O amor de MÃE.

“A criança é o princípio sem fim. O fim da criança é o princípio do fim. Quando uma sociedade deixa matar as crianças é porque começou seu suicídio como sociedade. Quando não as ama é porque deixou de se reconhecer como humanidade.

Afinal, a criança é o que fui em mim e em meus filhos enquanto eu e humanidade. Ela, como princípio, é a promessa de tudo. É minha obra livre de mim.

Se não vejo na criança uma criança, é porque alguém a violentou antes, e o que vejo é o que sobrou de tudo que lhe foi tirado.

Diante dela, o mundo deveria parar para começar um novo encontro, porque a criança é o princípio sem fim e seu fim é o fim de todos nós.”

Herbert de Souza (BETINHO)

Esta dissertação está de acordo com as seguintes normas, em vigor no momento desta publicação:

Referências: adaptado de International Committee of Medical Journals Editors (Vancouver)

Universidade de São Paulo. Faculdade de Medicina. Serviço de Biblioteca e Documentação. Guia de apresentação de dissertações, teses e monografia. Elaborado por Annelise Carneiro da Cunha, Maria Julia de A.L. Freddi, Maria F. Crestana, Marinalva de Souza Aragão, Suely Campos Cardoso, Valéria Vilhena, 2<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Serviço de Biblioteca e Documentação; 2005

Heim J. **Estudo comparativo bio-psico-social do adolescente em cumprimento de medida sócio-educativa na cidade de Goiânia-GO.** São Paulo, 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.

Esta pesquisa teve como objetivo realizar um estudo sistematizado sobre aspectos que influenciam o cometimento do ato infracional por parte do adolescente. O levantamento dos fatores de risco relacionados à prática infracional foi realizado através de um psicodiagnóstico aplicado em 64 sujeitos do sexo masculino com idades entre 16 e 17 anos e 11 meses subdivididos em dois grupos, sendo 34 sujeitos que estavam cumprindo a medida sócio-educativa de internação e 30 sujeitos de escolas públicas. As áreas investigadas foram: levantamento sócio-demográfico, dependência de álcool e drogas e perfil cognitivo. O resultado apontou dados significativos. Em relação ao perfil sócio-demográfico verificou-se a fragilidade do sistema educacional, pois a escolaridade de ambos os grupos encontra-se muito aquém do previsto. Na classificação social houve diferença entre os grupos avaliados sendo que os infratores se mostraram pertencentes a uma classe mais baixa. No tocante às drogas os infratores fazem uso mais intenso destas substâncias e já no perfil cognitivo os grupos se assemelharam.

**Descritores:** adolescência, transtornos relacionados ao uso de substâncias, cognição, escolaridade, família, fatores de risco.

Heim J. **Comparative study bio-social-psico of the adolescent in measure fulfillment educative-partner in the city of Goiânia – Go.** São Paulo, 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo.

The present research aimed to realize a systematic study on the factors that influence an adolescents commitment to realize infraction. The collection of data on the risk factors related to the practice of infractions was carried out through a psychodiagnostic applied to 64 subjects of the masculine sex with an age range from 16 to 17 years and 11 months and subdivided in two groups. One group was made up of 34 subjects that were interned to complete socio-educative measures and 30 men from public schools. The investigated areas were: socio-demographics, alcohol and drug dependency and cognitive profile. Regarding the socio-demographic profile the fragility of the education system was indicated in that the results for both groups were substantially lower than predicted. In the social classification the difference between the groups was that the at risk adolescents belong to a lower class. Regarding drugs the at risk adolescents do use them more intensively. For the cognitive profile the groups are similar.

**Key-words:** adolescence, substance-related disorders, cognition, educational status, family practice, risk factors.

## Lista de Tabelas

Tabela 1 – Idade.....	35
Tabela 2 – Escolaridade.....	35
Tabela 3 – Média de idade e escolaridade dos sujeitos envolvidos na pesquisa.....	36
Tabela 4 – ABIPEME.....	36
Tabela 5: Freqüência absoluta e percentual dos atos infracionais cometidos pelo grupo de infratores.....	37
Tabela 6 - Histórico Infracional na família.....	38
Tabela 7 - Com quem reside.....	38
Tabela 8 - Seqüência dos Testes.....	39
Tabela 9 - Respostas quanto ao uso de álcool na entrevista.....	40
Tabela 10 - Respostas quanto ao uso e tipo de drogas na entrevista.....	41
Tabela 11 – Respostas quanto ao uso de álcool na DUSI.....	41
Tabela 12 – Freqüência do uso de Drogas na DUSI.....	42
Tabela 13 – Freqüência do uso de álcool na DUSI.....	42
Tabela 14 – Idade de início do uso de drogas.....	43
Tabela 15 – Média do uso de drogas.....	43
Tabela 16 – Densidade Absoluta de problemas obtida através da DUSI-R. ....	44
Tabela 17 – Densidade Relativa de Problemas obtida através da DUSI-R. ....	45
Tabela 18 – Densidade Global de Problemas obtida através da DUSI-R....	47
Tabela 19 – Atenção Concentrada.....	47
Tabela 20 – Trail Making tempo.....	48
Tabela 21 – Teste das Matrizes Progressivas de Raven .....	49
Tabela 22 – Teste da cor da palavra de Stroop. Análise do tempo 3.....	50
Tabela 23 – Subteste do Wais - Dígitos direto e inverso.....	50
Tabela 24 – Subteste do Wais - Seqüência de letras e números.....	51
Tabela 25 – Subteste do Wais – Vocabulário.....	51

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	1
1.1- Delinquência Juvenil.....	4
2. Revisão da literatura.....	8
2.1 Perfil sócio – demográfico.....	8
2.1.1 Escolaridade e Grau de instrução.....	8
2.1.2- Classificação Social.....	9
2.1.3- Família.....	10
2.2. Fatores Clínicos.....	12
2.3. Aspectos neuropsicológicos.....	18
3. Objetivos.....	24
3.1. Geral.....	24
3.2. Específicos.....	24
4. Métodos.....	25
4.1. Campo de pesquisa.....	25
4.2. Casuística.....	25
4.3. Instrumentos.....	27
4.3.1.1 - Drug Use Screening Inventory – Revised (DUSI-R).....	28
4.3.2.1 Matrizes Progressivas de Raven - escala geral.....	29
4.3.2.2 Atenção Concentrada.....	30
4.3.2.3 Trail Making.....	31
4.3.2.4 Teste da cor da palavra de Stroop.....	31
4.3.2.5 Sub-testes da Escala de Inteligência Wechsler para Adultos – WAIS-III (Wechsler, 2004).....	33
4.4. Critérios de inclusão.....	34
4.5. Critérios de exclusão.....	34
4.6. Utilização de medidas de avaliação.....	35
4.7. Aspectos Éticos.....	35
4.8. Análise Estatística.....	35
5. Resultados.....	37
5.1. Características Sócio-demográficas.....	37
5.2 Perfil Álcool e Drogas.....	42
6. Discussão.....	55
6.1 Características sócio-demográficas.....	55
6.2- Perfil Álcool e Drogas.....	60
6.3- Perfil Cognitivo.....	64
7- Conclusões.....	69
Anexos.....	71
Referências.....	91

## 1 INTRODUÇÃO

Seria o homem um ser instintivamente agressivo? As agressões, em nível individual ou coletivo, poderiam ser atribuídas à inclinação natural do homem para a violência? O que faz com que as pessoas tenham reações diversas - violentas ou não - em resposta a um mesmo evento? Qual a expressão evolutiva da violência? Estas são apenas perguntas iniciais dentro do complexo campo de estudo que envolve a violência.

O termo violência não possui um conceito abrangente sendo, comumente, associado à agressão. Volavka (1934), em seu livro *Neurobiology of Violence*, discorreu sobre a dificuldade em se definir comportamento agressivo e violência.

As pulsões de vida e de morte coexistem fundidas, embora, muitas vezes, elas apareçam separadas e completamente distintas. O instinto de viver (Eros) é acompanhado do instinto da morte (Thanatos) e é a união destes dois instintos que forma a unidade psíquica da vida.

A pulsão de vida, como disse Zimerman (1999), em seu livro *Fundamentos Psicanalíticos*, visa ligar tudo o que estiver separado no indivíduo e na espécie humana, enquanto a pulsão de morte, pela força de repulsão e disrupção, tende a destruir as ligações.

Em 1945, Freud, em seu trabalho *Instinto e Vicissitudes* (1987), lançou a hipótese de que as pulsões sejam precipitações de experiências filogenéticas. Neste caso, cada indivíduo conservaria estágios da história da

espécie humana, inclusive a experiência de morte, inerente a qualquer estrutura biológica.

Teorias psicanalíticas não freudianas da agressão postulam outras origens para a violência. Alfred Adler, em 1907, traduzido por Henry T. Stein (2002) afirmou que a violência é derivada de um complexo de inferioridade e uma busca por poder. Já Jung (1974) observou que o desencadeamento do comportamento arquetípico é inerente ao inconsciente coletivo. Otto Rank (1981) propôs que a causa da violência deriva de conflitos precoces entre mãe e filho (trauma inconsciente do nascimento como causa da neurose). Harry Stack Sullivan (1974), com a sua Teoria Interpessoal da Neurose, argumentou que a violência é resultante de distorções paratáxicas em relacionamentos interpessoais.

Interessante conceito foi formulado por Erich Fromm (1992), baseando-se adicionalmente em aspectos sociais e culturais da Psicopatologia. Este autor distinguiu agressão benigna, que é mais instintiva e defensiva, e agressão maligna, aquela mais singular aos homens e que pode ser observada em personagens sádicos da história, como por exemplo, Stalin (político soviético -1879-1953).

Posteriormente, outros teóricos tentaram integrar as visões freudianas com os princípios de aprendizagem observados em laboratório. John Dollard e col. (1939) propuseram a teoria da frustração-agressão. A agressão é vista como um impulso provocado, secundário à frustração ou dor, isto é, o bloqueio de um comportamento contínuo direcionado e objetivo conduz à

estimulação de um impulso agressivo e um ataque subsequente sobre as fontes de frustração.

Entendendo ser a violência mais um instinto de luta, Konrad Lorenz (1966), com base na Teoria dos Instintos, invocou um modelo hidráulico para observar animais, a fim de entender a natureza da agressão. O instinto de luta salientado seria alimentado por uma energia continuamente acumulada em centros neurais, em contrapartida a uma reação a um estímulo externo.

Tendo como fundamentação teórica a Teoria da Aprendizagem (Catania, 1999), a violência é entendida como manifestação da experiência, não como inata ou instintual. O repertório violento é adquirido através da experiência. São três os conceitos fundamentais para compreender esta teoria: aquisição de modos de comportamento violento - seria a observação direta da violência; instigação de agressão, cujo modelo de violência é permitido sem sanções; e reforço comportamental - uma exposição repetitiva a modelos violentos.

A manifestação da violência, segundo Johan Galtung (1975) citado por Blanco (2007) é um fenômeno de relação social. Ocorre quando o desenvolvimento de um indivíduo, tanto física como espiritualmente, se encontra em dissonância com o seu possível desenvolvimento potencial. Pode-se falar em “diferença entre realidade e potencialidade”.

## 1.1 Delinqüência Juvenil

A gravidade do problema social é pontuada por Kellerman (2002), em sua obra *Filhos Selvagens*, na qual se observa a progressão assustadora da violência entre menores de 10 a 14 anos.

Também alarmante, vem a ser o dado coletado pelo sociólogo Poponoe, que apontou o seguinte dado: entre 1960 e 1992, o crime violento juvenil aumentou seis vezes, o suicídio entre os adolescentes triplicou e, de 1983 a 1992, o número de detenções de jovens por homicídio aumentou 128% (apud Hasson, 2003).

Um estudo realizado em 2003, intitulado “Mapeamento Nacional da Situação das Unidades de Execução de Medida de Privação de Liberdade ao Adolescente em Conflito com a Lei”, realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em parceria com o Departamento da Criança e do Adolescente (DCA), da Secretaria de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, aponta que entre setembro e outubro de 2002, o aumento do número de nascimentos ocorridos na 2ª. metade dos anos 80 provocou o que foi denominado de “onda jovem”, dando assim maior destaque à infração juvenil. Dois milhões de adolescentes se encontravam fora da escola e/ou do trabalho. Perto de 70% do contingente de dois milhões de adolescentes que nem estudavam e nem trabalhavam tinham entre 16 e 18 anos de idade (Silva e Guerese, 2003).

O mesmo levantamento pontua que o número de meninos e meninas em todo país que se encontravam privados de liberdade por terem praticado atos infracionais era de 9.555.

No Brasil, para cada grupo de 10.000 adolescentes (12 a 21 anos), existem três (2,88) jovens privados de liberdade, ou seja, cumprindo medida sócio-educativa. No estado de Goiás, a média é de 1,3 internos para cada 10.000 adolescentes (Silva e Guerese, 2003).

O Levantamento Nacional do Atendimento Sócio-Educativo realizado pela Subsecretaria de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente, da Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SPDCA/SEDH/PR), junto a gestores estaduais e Varas da Infância e adolescência, cujo período de coleta foi realizado em agosto de 2006 (2006) apontou que o número de adolescentes em conflito com a lei cumprindo medida de internação era de 10.061 do sexo masculino, representando 96% do total de pessoas neste regime. Na região Centro-Oeste, 836 adolescentes de ambos os sexos estavam internados.

Já os dados quantitativos obtidos no período de 12/12/2008 a 22/12/2008 indicam que havia 11.243 adolescentes em conflito com a lei cumprindo a medida de internação.

Como são diversas as causas, manifestações e impactos que envolvem a agressividade e a violência, espera-se que áreas como a Psiquiatria, Psicologia, Sociologia, Antropologia e outras tentem defini-la e

classificá-la não somente a partir de seus próprios critérios, mas de forma interdisciplinar.

De acordo com o governador Lawton Chiles, do Estado da Flórida, nos Estados Unidos, em 1994 (apud Hasson e Meleiro, 2003):

“O ciclo da violência não começa nas prisões, e sim, no início da vida. Começa quando uma família tem dificuldades em educar e criar uma criança não saudável, que necessita de atenção especial. Começa quando uma criança faminta, abusada, maltratada aprende que sua vida é insignificante e de pouco valor. Começa quando uma criança aprende que resolve seus problemas através da violência. Começa quando há fracasso escolar que é compensado por uso de drogas e por sua inclusão em gangues, para ser aceito no mundo”.

Pode-se agrupar a causalidade criminosa em grandes categorias de fatores: genéticos, neuroquímicos, neuro-hormonais, neurológicos, psicofisiológicos, históricos, neuropsicológicos, clínicos e contextuais.

Esta pesquisa norteia-se nos fatores contextuais, clínicos e neuropsicológicos e esta será estruturada tendo por base as características de cada um dos grupos envolvidos, ou seja, o grupo de infratores e o grupo de estudantes.

Para fazermos o estudo dos grupos citados acima, subdividiremos a pesquisa em: levantamento sócio-demográfico; fatores clínicos, ou seja, verificar a relação entre o uso de substâncias psicoativas e a delinqüência juvenil e aspectos neuropsicológicos que influenciam ou não no cometimento do ato infracional por parte do adolescente.

Utilizaremos, neste estudo, a seguinte definição da Organização Mundial de Saúde para violência:

“o uso intencional de força ou poder físico, seja somente uma intimidação ou ato efetivo contra si próprio, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade, que resulte em ou tenha uma alta probabilidade de danos, mortes, prejuízos psicológicos; que impeça um desenvolvimento ou que este seja insatisfatório (WHO, 2002)”

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

A idéia de a biologia ser a única e principal determinante do comportamento violento é universalmente rejeitada. É necessário tentar explicar o comportamento e as atitudes humanas, incluindo o violento, por meio de inúmeros processos em complexa interação. Essa interação se dá por intermédio dos aspectos bio-psico-sociais.

O levantamento bibliográfico foi realizado na base de dados eletrônica Pubmed nos últimos dez anos, com o intuito de averiguar as publicações que reportam ao tema álcool, drogas, neuropsicológico e delinqüência juvenil. Os descritores utilizados foram *adolescence and alcohol and drugs and delinquency and neuropsychology*.

### 2.1 Perfil sócio – demográfico

#### 2.1.1 Escolaridade e Grau de instrução

Os adolescentes em conflito com a lei tendem a ter poucos anos de estudo, com abandono escolar dada a necessidade de trabalhar, baixa qualidade de ensino, envolvimento com álcool e drogas, pouca supervisão familiar no que concerne à frequência escolar e desentendimento com professores e colegas.

A deficiência e pouca atratividade do sistema de ensino nacional trazem à tona dados por si só aterradores, sendo que, em 2002, 51% dos adolescentes cumprindo medida de internação no País estavam fora da escola quando praticaram o delito, sendo que 6% deles eram analfabetos, 2,7% sequer terminaram o ensino fundamental e somente 7,6% iniciaram o ensino médio antes do cumprimento da medida de internação.

Outro dado estarrecedor vem a ser a defasagem entre a idade e o nível de escolarização: 89,6% dos adolescentes internos não concluíram o ensino fundamental, apesar de se encontrarem na faixa etária dos 16 a 18 anos, idades na quais adolescentes já se encontram cursando o ensino médio (Silva e Guerese, 2003). Neste mesmo texto, as autoras afirmam que estar na escola é um ingrediente básico para livrar o adolescente da prática de atos infracionais.

### 2.1.2 Classificação Social

A desigualdade econômica e social brasileira dificulta o desenvolvimento dos milhões de jovens na nossa sociedade, pois estes adolescentes recebem um ensino de má qualidade, moradia precária, relações familiares disfuncionais, preconceitos e violência.

Segundo Silva e Guerese (2003) há um predomínio de jovens pobres (66% vivem em famílias cujo rendimento mensal varia de menos de um até dois salários mínimos vigentes em outubro de 2002). Quando os adolescentes, oriundos destas famílias, praticaram os delitos estes

enfrentavam dificuldades para satisfazer algumas necessidades básicas como, por exemplo, vestuário e moradia, dentre outros.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 30% (trinta por cento) da população brasileira foi considerada pobre ante a avaliação da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) em 2007 (IBGE, 2008), considerando-se pobre as famílias que viviam com rendimento mensal familiar de até  $\frac{1}{2}$  salário mínimo *per capita*.

Através dos indicadores sociais, constatou-se que a proporção de crianças e adolescentes de 0 a 17 anos de idade pobres era bem mais alta, chegando a 46% (quarenta e seis por cento).

### 2.1.3 Família

As famílias destes jovens infratores podem ser consideradas como potenciais fatores de risco por inúmeras características: separações dos pais, mortes e doenças na família, distanciamento da figura paterna, ausência da figura materna devido à necessidade de trabalhar, relacionamentos marcados por agressões físicas e/ou verbais, ausência de diálogo familiar e histórico infracional familiar (Assis, 1999, Thornton *et al.* 2002, Negreiros 2001).

A matriz mais importante para o desenvolvimento humano pleno e saudável é a família, expõe Fichtner (1996). Quando esta não se constitui como uma unidade de experiência, de aprendizagem e de criatividade, poderá se tornar um fator de doença.

De acordo com pesquisa realizada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef 2002), que ouviu opinião de adolescentes brasileiros de todos os níveis de renda e em todas as regiões brasileiras a respeito de temas variados, mostrou que 85% destes jovens apontaram que a família é a principal responsável pela garantia de seus direitos e bem-estar.

Quatro aspectos importantes no comportamento violento na adolescência são apontados por Gorman-Smith et al, (1996): criminalidade dos pais, maus-tratos sofridos, inconsistência no comportamento dos pais no que se refere à educação através de disciplina e as características da família como um sistema no qual se incluem valores familiares.

Nas famílias cujos pais participaram de atividades ilegais, tiveram envolvimento com a justiça e cometeram atos criminosos, há uma grande probabilidade de os filhos seguirem o mesmo padrão de comportamentos violentos e delinqüências, ressalta Hasson (2003). Observou-se também o que foi chamado transmissão intergeracional de violência, ou seja, há uma continuidade de comportamentos anti-sociais nos filhos aponta Mccord (1998).

Outro aspecto interessante foi observado por Butterfield (1999), que enfocou a banalização da realidade do sistema prisional em crianças que visitam pais e parentes na prisão, os quais passam a perceber com naturalidade aquele ambiente, enxergando-o como uma etapa da vida adulta.

Em 1992, 81% dos adolescentes viviam com a família, desmistificando a máxima de que grande parte dos menores infratores são “meninos de rua” que foram abandonados ou deixaram suas famílias. Não é a ausência de convivência familiar o fator determinante da entrada no mundo infracional e sim a má qualidade do vínculo (Silva e Guerese, 2003).

O sociólogo Poponoe (1996) afirma que o grande responsável por muitos problemas da sociedade atual, como crime e delinquência, dependência de drogas, deterioração dos resultados escolares, dentre outros, é o declínio da paternidade.

Uma questão se faz imperativa: o comportamento violento é aprendido ou é uma herança genética?

## 2.2 Fatores Clínicos

O uso de substâncias psicoativas, problemas mentais ou de comportamento, psicopatia, impulsividade, falta de empatia e atitudes negativas podem eliciar o comportamento violento. Por seu turno, o álcool e outras substâncias químicas funcionam como facilitadores de situações de violência.

Embora os adolescentes infratores representem uma população vulnerável e exposta a comportamentos de risco, poucos estudos nacionais têm sido publicados para avaliar o consumo de substâncias psicoativas nesse grupo.

Entretanto, pesquisas internacionais realizadas nos Estados Unidos, Índia, Taiwan, Espanha e Austrália, nos últimos dez anos, apontam que o uso de substâncias psicoativas está relacionado com a delinquência (Durant *et al.*, 1997; Crowley *et al.*, 1998; Mackesy-Amiti e Fendrich, 1999; Kuo *et al.*, 2002; Gonzalvo, 2002; Steven Belenko e Logan, 2003; Helstrom *et al.*, 2004; Swahn e Donovan, 2004; Kim e Kim, 2005; Lennings *et al.*, 2006).

Uma questão levantada por todas essas pesquisas é: o uso de álcool e drogas está relacionado com a delinquência ou adolescentes com problemas de conduta tem maior probabilidade de usar drogas, mantendo então a escalada de violência?

O V Levantamento Nacional Sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras (Carlini; 2004) chama a atenção de especialistas, autoridades e educadores, pois a idade em que o estudante brasileiro entra em contato com as drogas é entre 10 e 12 anos. Mais de 12% já usaram algum tipo de droga nessa faixa etária. Em comparação com outros países da América do Sul (Chile, Uruguai, Equador, Venezuela e Paraguai), esse mesmo estudo mostra que a prevalência de uso de qualquer droga psicotrópica é maior no Brasil.

O mapeamento realizado por Silva e Guerese (2003) mostrou que 85,6% dos adolescentes privados de liberdade eram usuários de drogas antes da internação; sendo que entre as drogas mais citadas estão a

maconha (67,1%), o álcool (32,4%), a cocaína/crack (31,3%) e os inalantes (22,6%).

A correlação entre a prematuridade no consumo de álcool e tabaco e a vulnerabilidade para o abuso e dependência destas e de drogas ilícitas foram apontadas por Ferigolo *et al.* (2004), em estudo que vem confirmar a percepção do homem médio.

Vários estudos internacionais indicam a forte correlação entre abuso de drogas e violência (Botvin *et al.*, 2006; Lennings *et al.*, 2006; Kim e Kim, 2005; Swahn e Donovan, 2004; Belenko e Logan, 2003; Mackesy-Amiti e Fendrich, 1999), sendo que o incremento recente da violência entre adolescentes brasileiros, pode ser observado em paralelo ao levantamento realizado pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (Carlini *et al.*, 2006) o qual revelou que, em cinco anos, a ingestão de bebidas alcoólicas aumentou 30% entre jovens de 12 a 17 anos e 25% entre jovens de 18 a 24 anos.

Pesquisa realizada na Espanha, em 2002, revela que a delinqüência é um grave problema social que vem aumentando nas últimas décadas naquele país. Durante o período do estudo (seis anos), ingressaram no sistema correcional 240 adolescentes com idade média de 15 anos e os problemas de saúde mais freqüentes foram: tabagismo e abuso de álcool e drogas em 54,1% da população (policonsumidores por via não parenteral, 25,8%; monoconsumidores por via não parenteral, 17,5%; policonsumidores por via parenteral e não parenteral, 10,8%) (Gonzalvo, 2002).

A adolescência é um período caracterizado por pouca capacidade de lidar com situações de estresse na vida, como, por exemplo, a morte de um membro da família, aumentando, assim, a sua vulnerabilidade em relação às drogas, como bem demonstra um estudo realizado em Nova Délhi, Índia (Malhotra *et al.*, 2007).

O uso de substâncias por adolescentes possui implicações importantes em relação à Saúde Pública, como apontam Kuo *et al.* (2002). Essa mesma pesquisa revela que estudos longitudinais já realizados mostraram que o abuso de substâncias e a delinqüência no início da adolescência têm probabilidade de persistir na vida do jovem adulto.

Quanto mais cedo se inicia o uso de álcool e tabaco, maior a vulnerabilidade de se desenvolver o abuso e a dependência das mesmas substâncias e, concomitantemente, o uso de drogas ilícitas, aponta Ferigolo (2004). Noticia-se a existência de uma pesquisa anterior, na qual, em dez estados brasileiros, foram levantados os seguintes dados obtidos junto aos alunos de escolas públicas (ensinos fundamental e médio): 65% dos alunos consomem álcool experimentalmente, 40% consomem tabaco, 15% maconha, 13% inalantes, 8% ansiolíticos, 7% anfetaminas e 4,5% cocaína.

Ferigolo (2004), de posse desses dados, efetuou um levantamento similar na Fundação do Bem-Estar do Menor do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre no ano de 1999, com adolescentes em cumprimento de medida sócio-educativa ou medidas protetivas, concluindo que o uso de álcool, maconha, cocaína e solventes é significativamente mais freqüente do

que o consumo dessas substâncias por estudantes de escolas públicas (grupo de parâmetro).

Uma questão relevante em relação a essas duas populações é que, em adolescentes em cumprimento de medida sócio-educativa – internação - verifica-se a alta frequência de uso concomitante de drogas lícitas e ilícitas.

A pesquisa demonstrou também que, no grupo de estudo, a idade de início do uso de álcool e tabaco ocorreu antes dos 12 anos; maconha e solventes, antes dos 13, e cocaína, antes de completar 14 anos; idades estas inferiores, em muito, às do grupo de parâmetro (Ferigolo, 2004).

Outro estudo observou a correlação entre o uso prematuro de drogas lícitas e ilícitas e a existência de comportamentos anti-sociais dentre adolescentes. Concluiu-se pela necessidade de se prevenir o consumo de álcool e tabaco entre menores evitando-se, por consequência, o uso de drogas ilícitas que estão vinculadas, sobremaneira, ao comportamento violento, pontuaram Helstrom *et al.* (2004).

Por seu turno, a Secretaria Nacional Antidrogas (Senad), em parceria com a Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), efetuou uma pesquisa iniciada em 2003 e com desfecho em 2007 na qual se extraiu que os adolescentes participam cada vez mais da estatística do consumo de álcool no país. O levantamento mostra que 13% do total de adolescentes apresentam padrão intenso de consumo de álcool e 10% consomem álcool ao menos uma vez no mês e potencialmente em quantidades arriscadas.

Vários estudos internacionais indicam a forte correlação entre abuso de drogas e violência (Botvin *et al.*, 2006; Lennings *et al.*, 2006; Kim e Kim, 2005; Swahn e Donovan, 2004; Belenko e Logan, 2003; Mackesy-Amity e Fendrich, 1999).

As conseqüências da ingestão de drogas lícitas e ilícitas na adolescência já foi objeto de inúmeros estudos também no Brasil, todos eles apontando para as conseqüências nefastas na conduta social, no rendimento escolar nas relações familiares no aumento da agressividade e déficit de atenção (Fortes e Cardo, 1991).

No mesmo sentido, Micheli e Formigoni (2002) coordenaram estudos na Unidade de Dependência de Drogas (UDED), do Departamento de Psicobiologia da Universidade Federal de São Paulo, na cidade de Barueri (São Paulo), em 32 colégios municipais, com alunos entre 10 e 20 anos. O estudo mostrou que a droga mais consumida é o álcool, seguida do tabaco, maconha, inalante e cocaína. Dentre os usuários de drogas, 64% tinham mais de 15 anos, e a grande maioria vivia em famílias cujos relacionamentos eram conflituosos, o que parece ter alguma relação com o consumo de drogas, visto que 26% deles mostraram ter convívio familiar conflituoso, e 62,5% assistiram a brigas constantes entre os pais. Outro dado interessante é que 29,5% dos indivíduos afirmaram ter desobedecido às leis ou infringido regras sob efeitos de drogas, 36% já danificaram propriedades de terceiros intencionalmente, e 15% efetuaram latrocínio mais de uma vez, dado que se repete sob diversos aspectos nos demais estudos citados.

### 2.3 Aspectos neuropsicológicos

Fatores neuropsicológicos frequentemente vem sendo citados quando se fala em comportamento delinquente. Existem consideráveis evidências que mostram a correlação entre comportamento delinquente e déficits em habilidades intelectuais gerais, particularmente na área verbal (Lynam, Moffitt, & Strouthamer-Loeber, 1993).

Verifica-se, ainda, um acentuado déficit cognitivo, principalmente na área verbal, em adolescentes transgressores, sendo tal afirmativa oriunda de um estudo realizado por Thomas Kelly (2002) na Inglaterra, comparando adolescentes que estão em tratamento por terem cometido crimes sexuais (grupo de estudo) com um grupo de adolescentes que recebem atendimento educacional especial (grupo controle).

O grupo de estudo era composto por 30 sujeitos entre 10 anos e 8 meses e 17 anos e 10 meses, provenientes do Serviço Forense para Adolescente, que trabalha com o recebimento de jovens que praticaram crimes sexuais. Já o grupo controle era composto por 20 adolescentes com média de idade entre 11 anos e 11 meses e 17 anos e 11 meses e foram recrutados de um projeto de informações para jovens, que oferece atividades diversificadas para os adolescentes que moram em áreas de carência social. Este grupo foi selecionado para tentar encontrar um perfil sócio-econômico compatível com os sujeitos do grupo de estudo. As escalas de inteligência selecionadas para o estudo foram: Wechsler para crianças III

forma reduzida, ou seja, os subtestes Vocabulário, similaridade, completar figuras e blocos. Os participantes acima de 17 anos utilizaram os testes do Wais-R.

Os autores nos mostram que pelo fato do grupo controle ter sido recrutado em um serviço de atendimento educacional especial, ou seja, o grupo ter um engajamento escolar limitado, o rebaixamento do QI, principalmente na área verbal, pode ser tanto causa como consequência desta limitação. Com esta realidade, ambos os grupos apresentaram déficits nas habilidades intelectuais gerais. Esta mesma conclusão também apontada por Veneziano *et al.* (2004) que realizaram um estudo de comparação entre as funções neuropsicológicas de adolescentes que cometeram crimes sexuais e adolescentes que cometeram outros tipos de delitos. Ao final desta pesquisa, chegou-se à conclusão de que não existe diferença estatisticamente significativa entre os grupos citados acima, sendo que ambos tiveram um desempenho abaixo da média. Estudos têm indicado a presença de características como déficits na área verbal, no controle do impulso, na antecipação das consequências e na utilização de feedback para modificação de respostas em quaisquer grupos de infratores.

Loeber *et al.* (2007) apontam a distinção entre os fatores positivos, ou seja, os fatores que indicam uma baixa probabilidade de comportamento mal ajustado na população em geral e os fatores protetores, que são aqueles que estudam as razões de certos indivíduos, mesmo expostos a situações de risco, não se tornarem adolescentes com comportamento mal ajustado.

Este estudo, especificamente, foca nos principais efeitos dos fatores positivos, já que os fatores de risco para a delinquência já foram amplamente estudados.

A pesquisa, através de inúmeras avaliações, como medidas cognitivas (QI verbal, espacial, memória verbal, memória visual), fisiológicas (nível de condutância da pele, coração em repouso) e outros fatores (álcool, drogas, raça, relações familiares, meio social, dentre outros) revela que os fatores positivos associados com baixa delinquência são: vida familiar bem ajustada, meio social com baixa criminalidade e QI verbal, memória e atenção com desempenho satisfatório.

Em relação ao desempenho das funções cognitivas, Moffit (1993) sugere déficits cognitivos e outras características neuropsicológicas, como a impulsividade, contribuindo para a preservação do comportamento antisocial. Pesquisa realizada por Taylor *et al.* nos Estados Unidos em 2006, corrobora a afirmação de Moffit (1993).

Neste estudo, os adolescentes foram classificados de acordo com sua personalidade utilizando a escala MACI (Inventário Clínico de Millon para Adolescentes), como por exemplo introversivo, inibido, submisso, egoísta, tendência borderline, dentre outras. Todas as funções cognitivas avaliadas como a leitura, o QI e sua performance apresentaram déficits significativos entre os grupos, sendo esperado que o grupo impulsivo/reativo apresentasse baixo desempenho no QI verbal e na leitura, o que foi comprovado.

Pesquisa realizada na Suécia (Elmund, 2004) com adolescentes infratores adotados, como grupo de estudo e adolescentes não infratores adotados constituindo o grupo controle, comprovou que dos 41 sujeitos avaliados (20 delinquentes e 21 não delinquentes) o grupo de estudo apresentou um déficit substancial no QI (Escala Wechsler) e que sua baixa performance em áreas cognitivas soma com o fracasso escolar, psicológico e social.

Por meio de um estudo realizado na Bélgica, em 1997 (Vermeiren, 2002), foi possível perceber a importância da aquisição da linguagem. A pesquisa se deu da seguinte forma: primeiramente foi realizada uma avaliação inicial com 100 adolescentes do sexo masculino através dos seguintes instrumentos: CAS (Child Assessment Schedule - entrevista Psiquiátrica semi-estruturada baseada no DSM IV), CBCL (avalia áreas comportamentais e emocionais do sujeito), WISC-R e WAIS (inteligência). Posteriormente foi realizado um levantamento oficial para verificar quantos sujeitos cometeram novos crimes e correlacionar esta informação com o desempenho dos mesmos nas avaliações. Dos 100 sujeitos avaliados, 47 cometeram novos crimes.

Os dados corroboram a ideia de que a impulsividade e traços de psicopatia que se mostram no início da vida contribuem para o estabelecimento do comportamento antisocial.

Diante dos resultados conclui-se que: as funções de cognição e neuropsicológicas nos delinquentes adolescentes se mostraram alteradas.

Evidências corroboram a tese de que delinqüentes têm baixa pontuação em teste de inteligência, particularmente na área verbal, comprovando a importância da linguagem. Nas funções neuropsicológicas eles se mostram mais impulsivos e com capacidade de atenção diminuída.

Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos entre 1981 e 1984 (Grekin et al, 2004) aponta que funções executivas são diretamente ligadas à exteriorização de comportamentos violentos. Neste mesmo estudo a autora se refere à Yeudall que, em 1982, reportou que delinqüentes juvenis tiveram um desempenho rebaixado das funções do lobo frontal em relação aos não delinqüentes.

Uma outra pesquisa desenvolvida por Kandel *et al.* (apud Volavka, 1934) comparou os QI de quatro grupos: 1º. grupo - composto por pessoas cujos pais eram criminosos. Mesmo que o risco para o crime tenha se mostrado alto, não se tornaram criminosos; 2º. grupo - composto por pessoas com alto risco para a criminalidade que se tornaram criminosas; 3º. grupo - pequeno risco para o crime e não se tornaram criminosos; 4º. grupo - baixo risco para o crime, mas se tornaram criminosos.

O resultado dos quatro grupos constou de QI 113, 100, 105, 105 respectivamente. Constata-se, por este estudo, que é relevante o efeito de proteção que a inteligência oferece ao indivíduo. No grupo com o QI mais elevado (113), mesmo os sujeitos apresentando um alto risco para a criminalidade, não se tornaram criminosos. Já os sujeitos com baixo risco para a criminalidade, mas QI mais baixo (105), se tornaram criminosos.

Outro estudo, realizado por Lewis *et al.* (apud Volavka, 1934), com 14 adolescentes condenados por crimes violentos, 12 mostraram um QI abaixo de 90, sendo que o QI médio é 100.

Por meio de pesquisas, comprovou-se que inteligência abaixo da média pode desencadear o aumento do risco de ligação com o crime (Volavka, 1934). É possível que uma pessoa com uma inteligência aquém da média, particularmente na área verbal, apresente também uma impulsividade não controlada, sem pensar nas conseqüências futuras de seus atos, o que dificulta sua socialização.

### 3 OBJETIVOS

#### 3.1 Geral

Realizar um estudo sistematizado sobre aspectos que determinam e/ou influenciam o cometimento do ato infracional por parte do adolescente para, em um estudo posterior, avaliar seu potencial e planejar a sua ressocialização.

#### 3.2 Específicos

- (a) Descrição dos dados sócio-demográficos dos grupos envolvidos na pesquisa
- (b) Levantamento do perfil de uso de álcool e drogas por parte dos adolescentes em cumprimento de medida sócio-educativa.
- (c) Avaliação dos aspectos neuropsicológicos para mapeamento do perfil cognitivo do adolescente em cumprimento de medida sócio-educativa em comparação com o grupo de não infratores (estudantes).

A violência vem crescendo gradativamente entre os adolescentes e vários questionamentos são realizados com o intuito de encontrar soluções eficazes para reverter este cenário. Inúmeros jovens adentram o sistema sócio-educativo, que tem por objetivo ressocializar estes adolescentes. A relevância deste estudo está justamente em apontar as características deste grupo para poder, em um estudo futuro, planejar a sua ressocialização de forma eficaz.

## 4 MÉTODOS

### 4.1 Campo de pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Goiânia – GO, entre abril de 2007 e maio de 2008, em uma Instituição para recuperação de adolescentes em cumprimento de medida sócio-educativa e, como parâmetro de controle, escolas públicas – EP's. A instituição de recuperação denomina-se Centro de Internação para Adolescentes – CIA, onde se concentram os adolescentes que receberam a medida de internação. A seleção dos sujeitos do grupo que constituiu a amostra dos adolescentes que não estão em cumprimento de medida sócio-educativa foi realizada em algumas EP's, em indivíduos da mesma faixa etária da população em estudo e na mesma cidade.

Todas as instituições contatadas forneceram a autorização para que a pesquisa fosse realizada, assim como o Juiz da Infância e da Juventude do Estado de Goiás (Anexos A, B, C, D, E)

### 4.2 Casuística

A amostra desse estudo foi composta por 64 sujeitos do gênero masculino, com idades entre 16 e 17 anos e 11 meses, subdivididos em dois grupos: 1- internação, 2 – estudantes.

Para a definição do grupo composto por infratores (grupos 1) foi realizado um levantamento junto ao Centro de Internação para Adolescentes

do número de indivíduos que estavam cumprindo a medida de internação e preenchiam os critérios de inclusão da pesquisa. Todos os diretores e/ou responsáveis mostraram-se cooperativos e autorizaram a realização da pesquisa.

Para a formação do grupo controle (grupo 2) foram consultadas algumas escolas públicas da cidade e selecionados os estudantes que preenchiam todos os critérios de inclusão estabelecidos neste estudo.

Os sujeitos selecionados foram convidados a participar voluntariamente e foi explicado individualmente o objetivo do estudo e como seria a sua participação. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Dos 64 sujeitos contatados, não houve nenhuma recusa em participar da pesquisa.

Grupo 1 – Grupo de Estudo (Internação): trinta e quatro adolescentes que receberam a medida sócio-educativa de internação em consonância com o estabelecido no art. 121 e seguintes do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (Pinho, 2002).<sup>1</sup>

Grupo 2 – Grupo controle (Estudantes): trinta adolescentes que não apresentavam histórico de delitos, provenientes de escolas públicas da cidade de Goiânia.

Foi realizada uma comparação entre os grupos com o objetivo de realizar um levantamento de suas características.

---

<sup>1</sup> Art. 121. A internação constitui medida privativa da liberdade, sujeita aos princípios de brevidade, excepcionalidade e respeito à condição peculiar de pessoa em desenvolvimento.

### 4.3 Instrumentos

Inicialmente, foi realizada uma entrevista estruturada individual e a aplicação foi realizada pela autora do trabalho. Através da entrevista foi possível obter informações relevantes sobre sua história de vida e seu contexto social, familiar e educacional.

Devido à necessidade de avaliar esta população de forma abrangente, ou seja, nos seus aspectos cognitivos, afetivos e emocionais, foram utilizados instrumentos psicológicos que acessaram estas áreas, como levantamento sócio-demográfico, dependência de álcool e drogas e perfil cognitivo, por meio de uma bateria neuropsicológica.

Para a obtenção da classe social a que cada adolescente pertencia utilizou-se a classificação da ABIPEME - Associação Brasileira de Institutos de Pesquisa de Mercado (Anexo F).

A aplicação dos testes foi dividida em três dias intercalados com cada adolescente, sendo a duração média de 1h/dia. Esta divisão foi necessária para não sobrecarregar o sujeito e, como consequência, evitar uma alteração no seu desempenho. Depois de realizada essa divisão em dias, criou-se a Forma A, B e C, que são as três formas de distribuição dos instrumentos por dia com o objetivo de verificar se a ordem de aplicação dos testes influenciou no resultado dos mesmos (ex: a escala DUSI sempre sendo o último teste do último dia). A pesquisadora seguiu a seguinte ordem

de aplicação: sujeito 1: forma A, sujeito 2: forma B, sujeito 3: forma C, sujeito 4: forma A, sujeito 5: forma B e assim sucessivamente.

#### 4.3.1 Dependência de Álcool e Drogas:

##### 4.3.1.1 Drug Use Screening Inventory – Revised (DUSI-R)

Para o levantamento do uso de drogas de jovens brasileiros e sua relação com problemas de saúde, psicológicos e sociais foi utilizada a Escala Drug Use Screening Inventory – Revised (DUSI-R) de Tarter, (1990), traduzida e adaptada para o Brasil por Micheli e Formigoni (2000).

As drogas abordadas neste questionário são: Álcool, Anfetaminas/Estimulantes (sem prescrição médica), Êxtase, Cocaína/Crack, Maconha, Alucinógenos (LSD, Mescalina e etc), Tranqüilizantes (Diazepan, Barbitúricos e etc, sem prescrição médica), Analgésicos (sem prescrição médica), Opiácios (Morfina, Heroína e etc), Fenilciclidina (pó de anjo), Anabolizantes, Inalantes, Solventes (Cola, Lança-perfume etc) Tabaco e Outras.

Trata-se de um questionário subdividido em 10 áreas com 159 questões incluindo uma escala de mentira com 10 questões. Pede-se para o sujeito responder às questões baseando-se no último ano de sua vida.

As áreas avaliadas são:

Área 1: Comportamento de uso de substâncias

Área 2: Padrões de comportamento

Área 3: Área da saúde

Área 4: Desordens Psiquiátricas

Área 5: Competência Social

Área 6: Sistema Familiar

Área 7: Escola

Área 8: Trabalho

Área 9: Relacionamento com colegas

Área 10: Lazer e Recreação

Os resultados são expressos da seguinte forma: Densidade Absoluta de Problemas (DAP), ou seja, a intensidade de problemas em cada área isoladamente, Densidade Relativa de Problemas (DRP), que é a contribuição percentual de cada área no total de problemas e Densidade Global de Problemas (DGP) que quantifica a gravidade geral de problemas. Um DGP igual ou acima de 28% indica uma possibilidade da existência de transtorno relacionado ao uso de substâncias (Tarter, 1990).

#### 4.3.2 Perfil cognitivo:

##### 4.3.2.1 Matrizes Progressivas de Raven - escala geral

Esta avaliação, Matrizes Progressivas de Raven - escala geral (Raven, 2002) é um teste de Q.I. (Quociente de inteligência) e permite avaliar os aspectos do potencial intelectual do sujeito. É um teste de observação e de clareza do pensamento e pretende abranger toda a amplitude do desenvolvimento intelectual. Consiste em se apresentar

matrizes de figuras onde há um padrão lógico entre elas. Uma das partes da matriz é deixada em branco e o examinando é incentivado a preencher esta parte com a figura correta, segundo o seu raciocínio. A escala consta de 60 problemas divididos em cinco séries com 12 problemas cada uma. Em cada série, o primeiro problema tem solução óbvia e os sucessivos aumentam gradativamente sua dificuldade.

As Matrizes foram padronizadas em amostras britânicas representativas, nas idades de 6 a 65 anos, atingindo seu ponto máximo na faixa etária dos 13 aos 22 anos. Sua aplicação abrange todas as idades, desde o jardim da infância até a idade avançada, bem como todos os níveis culturais, do ensino fundamental aos cursos de pós-graduação.

#### 4.3.2.2 Atenção Concentrada

Atenção Concentrada - AC de Suzi V. Cambraia (2003) visa avaliar a capacidade humana de selecionar uma fonte de informação (estímulo do meio ou do mundo interior) dentre todas as que estão disponíveis em um determinado momento e conseguir dirigir sua atenção (manter o foco) para esse estímulo ou tarefa a ser realizada no decorrer do tempo. Esta tarefa é composta por 21 linhas de 21 estímulos diferentes por linha, nas quais se deve encontrar os estímulos iguais aos quatro estímulos apresentados no quadro modelo.

Para a padronização deste teste, a autora utilizou as variáveis idade, escolaridade e sexo. Apenas a variável escolaridade se mostrou com

diferença estatisticamente significativa, indicando que o desempenho dos sujeitos aumenta com a escolaridade, sendo necessário a elaboração de tabelas de percentis separadas para cada nível de escolaridade para todas as amostras estudadas.

#### 4.3.2.3 Trail Making

O Trail Making Test – TMT- (Sprenn, Strauss, 1998) avalia a capacidade do cérebro de alternância de estímulo, de atenção dividida e flexibilidade cognitiva.

O estudo realizado por Soukup *et al.* (1998), aponta que o Trail Making A e B foi administrado em sujeitos a partir dos 15 anos de idade. Também há uma versão deste teste para crianças (Costa, 2004).

O instrumento foi apresentado em duas formas. Na forma A apresentaram-se ao sujeito círculos com números de 1 a 25, impressos numa folha, que devem ser ligados em ordem crescente. Na forma B estão impressos números e letras que o sujeito deve ligar alternadamente. A pontuação é dada pelo tempo gasto para completar a tarefa.

#### 4.3.2.4 Teste da cor da palavra de Stroop

O Teste da cor da palavra de Stroop, desenvolvido por John Ridley Stroop, em 1935, avalia a capacidade do sujeito de alternar a sua percepção conforme ocorrem mudanças nas demandas onde se suprime uma resposta habitual por uma não usual. É reconhecidamente uma medida da atenção

seletiva e da flexibilidade mental (Lezak, 1995; Spreen, Strauss, 1998). A forma conflitante de apresentação das palavras no cartão interferência atua como um estímulo distrator, sendo assim uma medida da eficácia da concentração. Pode ser utilizado em sujeitos a partir dos sete anos de idade (Goldstein, 2004).

O teste compreende três cartões contendo estímulos impressos sobre fundo branco. No cartão um, a tarefa consiste em nomear as cores dos retângulos o mais rapidamente possível. O cartão dois é similar ao um, exceto pelos estímulos, onde, em lugar dos retângulos, encontram-se palavras não relacionadas a conceitos de cor (cada, nunca, hoje, tudo). Nesse cartão, a tarefa consiste em nomear as cores das palavras (ignorando ler as palavras) o mais rapidamente possível. O cartão três consiste no cartão interferência, em que os estímulos foram nomes de cores impressos em letras maiúsculas, em cores, de tal modo que a cor de tinta da impressão e o nome da cor nunca combinavam (por exemplo, a palavra azul aparecia impressa nas cores vermelha, verde e amarela, mas nunca na cor azul, e assim por diante). Nesse cartão, o sujeito é solicitado a nomear as cores de impressão (ignorando ler os nomes das cores) tão rápido quanto possível. Os três cartões foram apresentados sempre na mesma ordem (retângulos, palavras comuns e nomes de cores). A exploração dos estímulos é feita através das linhas, da esquerda para a direita, de cima para baixo. Para cada cartão, o tempo gasto para completar a tarefa é cronometrado.

#### 4.3.2.5 Sub-testes da Escala de Inteligência Wechsler para Adultos – WAIS-III (Wechsler, 2004).

Foi utilizada a versão adaptada e padronizada para o Brasil por Elisabeth Nascimento.

Esse instrumento compreende duas subescalas: uma verbal e outra de execução, ambas com sete subtestes. É utilizada em indivíduos de 16 a 89 anos de idade.

Como medida de avaliação da inteligência geral foram utilizadas as seguintes escalas: Dígitos - ordem direta e inversa, Seqüência de Letras e Números e Vocabulário, sendo todos da subescala verbal.

A escolha por estas subescalas deveu-se ao fato de que o Vocabulário é considerado como a melhor medida singular de inteligência geral e os Dígitos e Seqüência de letras e números avaliam de forma eficaz a memória de trabalho ou operacional e a atenção (Lezak, 1995; WAIS-III, 2004).

**Vocabulário** – avalia as habilidades cognitivas gerais. Este subteste consiste em uma série de palavras apresentadas de forma oral e visual que o examinando deve definir oralmente. É considerado como a melhor medida singular de inteligência geral (Lezak, 1995).

**Seqüência de números e letras** – avaliação da atenção e memória de trabalho. A tarefa requer que o examinando organize e repita, oralmente, uma série de números e letras apresentadas verbalmente, colocando os números em ordem crescente e as letras em ordem alfabética. O subteste é

composto de sete séries de números e letras, com três tentativas cada. O número de elementos em cada série aumenta progressivamente, sendo que a primeira é composta de dois elementos e a última de oito. A aplicação é suspensa após o fracasso nas três tentativas de um item (série).

**Dígitos (Ordem Direta e Ordem Inversa)** – Ordem direta: é uma medida de atenção focada. Ordem inversa: exige uma participação maior da memória operacional. É apresentada oralmente ao sujeito uma série de seqüências numéricas que o examinando deve repetir literalmente, na ordem direta e inversa.

#### 4.4 Critérios de inclusão

Idade – 16 – 17 anos e 11 meses de idade

Sexo - masculino

Escolaridade - de 2 até 8 anos completos (não conta repetência e evasão escolar). Foi definido este intervalo na escolaridade, pois os testes utilizados no estudo foram padronizados para estes níveis de instrução.

#### 4.5 Critérios de exclusão

Escolaridade inferior a dois anos

Cegos

Surdos

Mudos

Qualquer tipo de deficiência que impossibilite o adolescente de participar da pesquisa

Recusa em participar da pesquisa

#### 4.6 Utilização de medidas de avaliação

O procedimento experimental do estudo se deu da seguinte forma: os componentes dos dois grupos (CIA e EP) foram submetidos a um psicodiagnóstico individual com o objetivo de se fazer um levantamento das características dos grupos.

#### 4.7. Aspectos Éticos

O projeto foi aprovado pela Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa da Diretoria Clínica do Hospital das Clínicas e da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (CAPPesq, projeto de pesquisa número 901/06, aprovado em 14/03/2007). Todos os sujeitos e seus responsáveis assinaram o termo de consentimento informado (Anexo G).

#### 4.8 Análise Estatística

Os dados foram resumidos através da análise da frequência, do teste da normalidade, do teste T-Student, do teste U-Mann-Whitney.

Para a realização da comparação entre os grupos utilizou-se o teste Qui-Quadrado que subdividiu o grupo em partes menores denominadas categorias. Na amostra são anotadas as frequências em cada uma dessas categorias, sendo elas observadas ou esperadas. Como o  $\chi^2_{\text{calculado}} >$  que  $\chi^2_{\text{tabelado}}$ , como exemplo, conclui-se a existência ou não de diferença significativa entre a quantia.

Foi utilizado o teste T-Student para os valores que apresentaram normalidade. Avaliando-se a amostra independente, foram coletadas informações de dois grupos, tendo uma mesma variável real para cada um desses grupos.

Já para os valores que não apresentaram normalidade utilizou-se o teste U-Mann-Whitney, que possui exatamente dois grupos em que não exista a possibilidade de um elemento fazer parte simultaneamente dos dois, devendo ser independentes tendo uma variável numérica, ou seja, ordinal. Testando a média de um desses grupos, avaliar se é significativamente maior que o do outro grupo sem a necessidade de possuírem distribuições normais, substituindo assim o teste T-Student.

## 5 RESULTADOS

### 5.1 Características Sócio-demográficas

A tabela 1 mostra os dados descritivos das idades em anos de cada grupo.

Tabela 1 – Idade

TIPO	N	MEDIA	DP	P
Infratores	33	16,42	0,50	<0,001
Estudantes	30	16,97	0,49	

Os dados descritivos das idades em anos estão representados pela média de cada grupo distintamente: infratores (16,42) e estudantes (16,97).

Os dados da escolaridade estão apresentados na tabela 2.

Tabela 2 – Escolaridade

TIPO	N	MEDIA	DP	P
Infratores	33	6,09	1,31	<0,001
Estudantes	29	7,97	0,19	

Nota: Teste U-Mann-Whitney

Percebeu-se que houve diferença significativa entre os grupos estudados, onde os infratores apresentaram média de 6,09 série e os estudantes 7,97 série.

As médias de idade e escolaridade são apresentadas na tabela 3.

Tabela 3 – Média de idade e escolaridade dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

FATOR	N	MEDIA	DP
Idade	63	16,68	0,56
Escolaridade	62	6,97	1,34

Segundo os dados demonstrados na tabela acima, os sujeitos envolvidos na pesquisa apresentaram média de idade de 16,68 e quanto à escolaridade podemos dizer que estavam na 6,97 série.

A tabela 4 expõe a classificação social dos grupos participantes do estudo.

Tabela 4 – ABIPEME

TIPOS	Infratores	%	Estudantes	%	P
A	0	0,0	1	3,7	
B	1	3,0	8	29,6	
C	19	57,6	14	51,9	0,009
D	13	39,4	4	14,8	
Total	33	100,0	27	100,0	

Em relação à classificação social dos grupos através da ABIPEME, podemos afirmar que nenhum dos infratores pertenciam à classe A, 3% à classe B, 57,6% à classe C e 39,4% à classe D. Entre os estudantes, 3,7% se encontravam na classe A, 29,6% na B, 51,9% na C e 14,8% na D.

Podemos notar que a maioria (97%) dos infratores pertenciam às classes C e D, já os estudantes 66,7% às classes C e D e 33,3%, A e B.

A tabela 5 apresenta o(s) ato(s) infracional(is) cometidos pelo grupo de infratores.

Tabela 5 – Frequência absoluta e percentual dos atos infracionais cometidos pelo grupo de infratores

	Ato Infracional	Nº de Sujeitos	%
1	155 – Furto	10	17,54
2	157 – Roubo qualificado	20	35,09
3	121 – Homicídio	7	12,28
4	288 – Crime de Bando ou Formação de Quadrilha	5	8,77
5	71 – Crime continuado (pratica dois ou mais crimes da mesma espécie e ocorrerem como continuação do primeiro)	1	1,75
6	14 – Porte de arma	3	5,26
7	16 – Uso de drogas	3	5,26
8	12 – Tráfico	3	5,26
9	213 – Atentado violento ao pudor	1	1,75
10	214 – Estupro	1	1,75
11	157 c/c 121 – Roubo qualificado cumulado com homicídio	1	1,75
12	121 c/c 14 – Homicídio cumulado com porte de arma	2	3,51
	TOTAL		100,00

Em relação aos atos infracionais cometidos pelos adolescentes infratores, foi verificado que 35,09% dos sujeitos cometeram o ato infracional 157 (roubo qualificado), sendo este o ato de maior prevalência nestes

sujeitos. Em segundo lugar 155 (furto) e os crimes que envolvem homicídio – 121 (homicídio), 157 c/c 121 (roubo qualificado cumulado com homicídio) e 121 c/c 14 (homicídio cumulado com porte de arma), com 17,54% cada.

O histórico infracional familiar está exposto na tabela 6.

Tabela 6 – Histórico Infracional na família

TIPO	Infratores	%	Estudantes	%	P
Sim	15	44,1	13	43,3	0,305
Não	19	55,9	15	50,0	
Não Sabe	0	0,0	2	6,7	
Total	34	100,0	30	100,0	

Observou-se que 44,1% dos adolescentes infratores responderam na entrevista que algum membro de sua família cometeu ato infracional, já 55,9% disseram que não. Dentre os estudantes, 43,3% relataram à existência de histórico infracional familiar e 50,0% falaram que não e 6,7% não sabiam.

A tabela 7 aponta com quem os adolescentes residiam no início do estudo.

Tabela 7 - Com quem reside:

TIPO	Infratores	%	Estudantes	%	P
Família*	17	50,0	20	66,7	0,391
Família mais agregados**	15	44,1	10	33,3	
Agregados***	1	2,9	0	0,0	
Pais Adotivos	1	2,9	0	0,0	
Total	34	100,0	30	100,0	

\* Família (pai, mãe, irmãos)

\*\* Família mais agregados (padrasto, madrasta, avós, tios, primos, cunhados, sobrinhos)

\*\*\* Agregados (padrasto, madrasta, avós, tios, primos, cunhados, sobrinhos)

A maior parte dos adolescentes infratores morava com a família – mãe, pai e irmãos (50%) ou com a família mais agregados - padrasto, madrasta, avós, tios, primos, cunhados, sobrinhos (44,1%). Apenas um sujeito (2,9%) relatou que morava com agregados - (padrasto, madrasta, avós, tios, primos, cunhados, sobrinhos) e um (2,9%) falou que morava com pais adotivos. No grupo dos estudantes, 66,7% habitavam com sua família e 33,3% com família mais agregados. Não havia nenhum morador de rua entre os sujeitos pesquisados.

A tabela 8 revela a sequência utilizada na aplicação dos testes.

Tabela 8 – Sequência dos Testes

TIPOS	Infratores	%	Estudantes	%	P
1	12	35,3	9	30,0	
2	12	35,3	11	36,7	0,895
3	10	29,4	10	33,3	
Total	34	100,0	30	100,0	

O tipo 1 consistiu na aplicação dos testes na seguinte ordem: 1ª. Sessão: Entrevista, ABIPEME; 2ª. Sessão: Atenção Concentrada, Stroop, Trail Making, Dígitos- Wais, Vocabulário- Wais, Sequência de letras e números; 3ª. Sessão: Raven Geral, Escala de Dependência (DUSI), cujo grupo era composto de 12 infratores (35,3%) e 9 estudantes (30,0%).

Já o tipo 2, a aplicação se deu nessa ordem 1<sup>a</sup>. Sessão: Entrevista, ABIPEME; 2<sup>a</sup>. Sessão: Escala de Dependência (DUSI), Raven, Stroop, Sequência de números e letras, 3<sup>a</sup>. Sessão: IFP, Atenção Concentrada, Trail Making, Dígitos- Wais, Vocabulário Wais com 12 infratores (35,3%) e 11 estudantes (36,7%).

A ordem de aplicação dos testes no grupo composto pelo tipo 3 foi : 1<sup>a</sup>. Sessão: Entrevista, Stroop, Escala de Dependência (DUSI); 2<sup>a</sup>. Sessão: ABIPEME, Dígitos- Wais, Sequência de letras e números, Vocabulário Wais, Atenção Concentrada; 3<sup>a</sup>. Sessão: Raven, Trail Making, onde havia 10 infratores (29,4%) e 10 estudantes (33,3%).

A tabela acima, referente à ordem de aplicação dos testes, demonstrou que não houve diferença significativa entre os grupos ( $p=0,895$ ), apontando que a ordem de aplicação não interferiu no resultado dos testes.

## 5.2 Perfil Álcool e Drogas

Tabela 9 – Respostas quanto ao uso de álcool na entrevista:

TIPO	Infratores	%	Estudantes	%	P
Sim	13	38,2	9	30,0	
Não	21	61,8	21	70,0	0,489
Total	34	100,0	30	100,0	

Dentre os infratores 38,2% relataram que já fizeram uso de álcool e 61,8% não utilizaram. Já entre os estudantes, 30% disseram que já fizeram uso de álcool e 70% relataram que não.

Tabela 10 – Respostas quanto ao uso e tipo de drogas na entrevista:

TIPO	Infratores	%	Estudantes	%	P
Não usa	9	26,5	25	83,3	
Tabaco	8	23,5	5	16,7	
Maconha	16	47,1	0	0,0	<0,001
Cocaína/crack	1	2,9	0	0,0	
Total	34	100,0	30	100,0	

Em relação ao uso ou não e o tipo de droga utilizada, constatou-se que houve uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos ( $p < 0,001$ ), pois 26,5% dos infratores verbalizaram que não faziam uso de drogas e, entre os estudantes, esta porcentagem passou para 83,3%. Dentre as drogas mais consumidas pelo grupo dos infratores, a maconha vem em 1º. lugar com 47,1%. Em seguida o tabaco com 23,5% e posteriormente o crack com 2,9%. No grupo dos estudantes apenas a maconha foi citada com 16,7%.

Tabela 11 – Respostas quanto ao uso de álcool na DUSI

TIPO	Infratores	%	Estudantes	%	P
Sim	3	9,1	9	30,0	
Não	30	90,9	19	63,3	0,025
Não respondeu	0	0,0	2	6,7	
Total	33	100,0	30	100,0	

Apenas 9,1% dos infratores assinalaram que usaram álcool na escala DUSI. Já 90,9% responderam que não. No grupo dos estudantes 30% responderam que faziam ou já fizeram uso de drogas no último ano e 63,3% relataram que não.

Tabela 12 – Frequência do uso de Drogas na DUSI

TIPO	Infratores	%	Estudantes	%	P
Não usa	16	48,5	20	71,4	0,259
1 a 2 vezes	12	36,4	5	17,9	
3 a 9 vezes	3	9,1	1	3,6	
10 a 20 vezes	2	6,1	1	3,6	
Droga Predileta	0	0,0	1	3,6	
Total	33	100,0	28	100,0	

Quanto a frequência da utilização de drogas, 36,4% dos infratores relataram que usaram de 1 a 2 vezes no último mês, 9,1% de 3 a 9 vezes e 6,1% de 10 a 20 vezes. Já entre os estudantes 17,9% responderam que fizeram uso de 1 a 2 vezes no último mês, 3,6% de 3 a 9 vezes, 3,6% de 10 a 20 vezes e 3,6% droga predileta. De acordo com a tabela acima 48,5% dos infratores e 71,4% dos estudantes não faziam uso de drogas.

Tabela 13 - Frequência do uso de álcool na DUSI

TIPO	Infratores	%	Estudantes	%	P
Não usa	30	90,9	18	64,3	0,032
1 a 2 vezes	1	3,0	6	21,4	
3 a 9 vezes	2	6,1	4	14,3	
Total	33	100,0	28	100,0	

Nota: Teste qui quadrado

De acordo com a Escala DUSI, 3,0% dos infratores afirmaram que usaram álcool de 1 a 2 vezes no último mês e 6,1%, de 3 a 9 vezes. No grupo dos estudantes, 21,4% fizeram uso de bebidas alcoólicas de 1 a 2 vezes no último mês e 14,3% de 3 a 9 vezes.

A tabela demonstrou que 90,9% dos infratores e 64,3% dos estudantes não fizeram uso de álcool no último mês.

Tabela 14 – Idade de início do uso de drogas

TIPO	N	MEDIA	DP	P
Infratores	27	12,89	2,55	0,185
Estudantes	9	14,11	1,54	

Nota: Teste t-student

Nesta tabela podemos perceber que a média de idade entre os infratores para o início do uso de drogas foi de 12,89 e a de estudantes foi de 14,11 anos de idade.

Tabela 15 – Média do uso de drogas

TIPO	N	MEDIA	DP	P
Infratores	33	2,76	3,37	0,010
Estudantes	28	0,50	1,11	

Teste U-Mann Whitney

No total do grupo dos infratores 2,76 indivíduos já usaram drogas e 0,50 estudantes fizeram uso.

Tabela 16 – Densidade Absoluta de problemas obtida através da DUSI-R

	N	MEDIA %	DP	P
Dap 1 - Uso de Substâncias *				
Infratores	33	29,17	23,94	0,042
Estudantes	28	16,29	15,99	
Dap 2 - Padrões de Comportamento				
Infratores	33	29,73	14,43	0,675
Estudantes	28	31,46	17,69	
Dap 3 – Saúde				
Infratores	33	30,03	17,82	0,090
Estudantes	28	22,73	14,74	
Dap 4 – Desordens psiquiátricas				
Infratores	33	38,96	16,12	0,002
Estudantes	28	25,00	17,23	
Dap 5 – Competência Social				
Infratores	33	32,73	16,44	0,599
Estudantes	28	30,48	16,77	
Dap 6 – Sistema Familiar				
Infratores	33	29,48	18,56	0,824
Estudantes	28	30,48	15,76	
Dap 7 – Escola				
Infratores	32	36,16	14,76	0,977
Estudantes	28	36,05	14,16	
Dap 8 – Trabalho *				
Infratores	33	31,13	20,21	0,002
Estudantes	28	16,88	11,79	

continua

Tabela 16 – Densidade Absoluta de problemas obtida através da DUSI-R (continuação)

	N	MEDIA %	DP	P
Dap 9 – Relacionamento com colegas				
Infratores	33	51,72	22,42	0,097
Estudantes	28	41,67	24,05	
Dap 10 – Lazer e Recreação				
Infratores	33	45,69	18,34	0,065
Estudantes	28	36,54	19,60	

Notou-se que as áreas que apresentaram diferenças estatisticamente significativas são relacionadas ao Uso de substâncias com  $p= 0,042$ , Desordens Psiquiátricas com  $p= 0,002$  e Trabalho com  $p= 0,002$ .

Tabela 17 – Densidade Relativa de Problemas obtida através da DUSI-R

	N	MEDIA %	DP	P
Drp 1 - Uso de Substâncias				
Infratores	33	7,17	4,42	0,051
Estudantes	28	5,19	3,08	
Drp 2 - Padrões de Comportamento				
Infratores	33	8,61	3,39	0,030
Estudantes	28	11,00	4,99	
Drp 3 – Saúde				
Infratores	33	8,22	4,81	0,807
Estudantes	28	7,95	3,80	

continua

Tabela 17 – Densidade Relativa de Problemas obtida através da DUSI-R (continuação)

	N	MEDIA %	DP	P
Drp 4 – Desordens psiquiátricas				
Infratores	33	11,06	3,43	0,001
Estudantes	28	8,16	3,27	
Drp 5 – Competência Social				
Infratores	33	9,39	4,70	0,211
Estudantes	28	10,87	4,41	
Drp 6 – Sistema Familiar				
Infratores	33	7,90	3,57	0,010
Estudantes	28	10,63	4,38	
Drp 7 – Escola				
Infratores	33	10,89	3,85	0,019
Estudantes	28	13,88	5,76	
Drp 8 – Trabalho				
Infratores	33	8,75	4,71	0,012
Estudantes	28	5,96	3,42	
Drp 9 – Relacionamento com colegas				
Infratores	33	14,76	4,70	0,428
Estudantes	28	13,48	7,68	
Drp 10 – Lazer e Recreação				
Infratores	33	13,25	4,10	0,754
Estudantes	28	12,89	4,98	

Com relação à Densidade Relativa de Problemas (DRP), as áreas que apresentaram diferenças estatisticamente significativas foram: Padrões de

Comportamento com  $p= 0,030$ , Desordens Psiquiátricas com  $p= 0,001$ , Sistema Familiar  $p=0,010$ , Escola com  $p= 0,019$  e Trabalho com  $p= 0,012$ .

**Tabela 18 – Densidade Global de Problemas obtida através da DUSI-R**

	N	MEDIA%	DP	P
Infratores	33	35,58	12,77	0,05
Estudantes	28	29,07	12,30	

Nota: Teste t student ; Teste u-mann-whitney

A Densidade Global de Problemas mostrou-se com diferença estatisticamente significativa entre os grupos com  $p= 0,048$ .

### **5.3 Perfil Cognitivo:**

As tabelas 19 a 25 apresentam a comparação dos resultados obtidos pelos grupos participantes da pesquisa em baterias neuropsicológicas.

A tabela 19 aponta as características da atenção concentrada dos infratores e estudantes.

**Tabela 19 – Atenção Concentrada**

TIPO	N	MEDIA	DP	P
Infratores	28	46,61	29,94	0,29
Estudantes	25	37,80	30,18	

Na análise dos resultados das avaliações neuropsicológicas observou-se que não existe diferença significativa no escore das características da Atenção Concentrada, avaliada pelo teste AC entre o

grupo de estudo e de controle, sendo que tanto os infratores, cuja a média foi de 46,61%, quanto os estudantes, que obtiveram média de 37,80%, apresentaram-se na classificação “inferior”, sendo a média esperada, no mínimo de 66%

A tabela 20 realiza a comparação dos resultados obtidos pelos infratores e estudantes no Trail Making.

Tabela 20 – Trail Making tempo

TIPO	N	MEDIA	DP	P
Tempo A				
Infratores	32	61,44	18,65	0,951
Estudantes	25	61,12	19,75	
Tempo B				
Infratores	31	166,87	84,37	0,726
Estudantes	25	159,04	80,33	

Nota: Teste t-student

Tanto o grupo dos infratores, com média de 61,44 segundos no tempo A e 166,87 segundos no tempo B, como dos estudantes, que apresentaram média de 61,12 segundos no tempo A e 159,04 segundos no tempo B, obtiveram uma média abaixo do esperado para sua faixa etária, ou seja, os adolescentes em questão demandaram um tempo muito maior para realizarem a tarefa. Segundo a tabela acima, as diferenças significativas nos escores entre os grupos no tempo A foi de  $p= 0,951$  e no tempo B  $p= 0,726$ , o que reforçou que os mesmos tiveram um desempenho aquém do esperado

quanto às características da capacidade do cérebro de alternância de estímulo, de atenção dividida e flexibilidade cognitiva. O tempo médio esperado para a parte A era de 16,9 a 34,5 segundos. Já para a parte B o esperado era de 34,6 a 65,00 segundos.

A tabela 21 apresenta a comparação dos resultados obtidos pelos grupos no teste Matrizes Progressivas de Raven – escala geral.

Tabela 21 – Teste das Matrizes Progressivas de Raven

TIPO	N	MEDIA	DP	P
Infratores	33	7,73	6,97	0,82
Estudantes	26	10,00	14,56	

No tocante à avaliação do potencial intelectual através do Teste Matrizes Progressivas de Raven, observou-se que não há diferenças significativas nos escores. Os adolescentes infratores com percentil 7,73%, classificaram-se como “inteligência definitivamente inferior à média” e os estudantes, com percentil 10,00, como “inteligência inferior à média”. De acordo com o manual do teste, os grupos teriam que ter obtido no mínimo percentil de 25.

A tabela 22 expressa o desempenho dos infratores e dos estudantes no teste da cor da palavra de Stroop.

Tabela 22 – Teste da cor da palavra de Stroop. Análise do tempo 3

TIPO	N	MEDIA	DP	P
Infratores	33	76,24	20,15	0,156
Estudantes	28	85,54	27,53	

Quanto à tarefa que avalia a atenção seletiva e a flexibilidade mental através do teste da cor da palavra de Stroop, não foi constatado diferença significativa no escore, como nos mostra a tabela 14, sendo que os infratores tiveram como média 76,24 segundos e os estudantes, 85,54 segundos com um  $p= 0,156$ . A média esperada era de 15,91 a 26,65 segundos. O desempenho de ambos os grupos foi aquém da média estabelecida para a idade.

A tabela 23 apresenta a média e o desvio padrão do subteste do Wais - Dígitos direto e inverso.

Tabela 23 – Subteste do Wais - Dígitos direto e inverso

TIPO	N	MEDIA	DP	P
Infratores	32	27,03	16,12	0,15
Estudantes	25	37,56	25,12	

Na tarefa que avalia a atenção focada, através dos dígitos diretos e da memória operacional, através dos dígitos de ordem inversa, não foram apontadas diferenças significativas nos escores, pois os infratores apresentaram média de 27,03% e os estudantes de 37,56% por cento, com  $p= 0,151$ . Com estes resultados, percebemos que o grupo dos infratores foi

classificado como médio inferior e os estudantes dentro da média, sendo que esta varia de 37 a 63%.

A tabela 24 expõe a comparação entre os grupos avaliados através do subteste do Wais - Seqüência de letras e números.

Tabela 24 – Subteste do Wais - Seqüência de letras e números

TIPO	N	MEDIA	DP	P
Infratores	32	32,03	22,52	0,28
Estudantes	26	39,00	26,00	

A análise das características que avalia a medida de memória operacional auditiva não evidenciou diferenças significativas nos escores relacionados a este aspecto, sendo o  $p= 0,279$ . Os infratores obtiveram uma média de 32,03% e os estudantes 39,00%, o que aponta, segundo o manual do WAIS, que os infratores foram classificados como médio inferior e os estudantes como dentro da média (37 a 63%)

A tabela 25 expressa o desempenho dos infratores e dos estudantes no subteste do Wais – Vocabulário

Tabela 25 – Subteste do Wais – Vocabulário

TIPO	N	MEDIA	DP	P
Infratores	31	15,42	16,68	0,82
Estudantes	25	14,08	13,20	

Através da análise da tabela 25 observou-se que não há diferença significativa no escore das características que avaliam as habilidades cognitivas gerais, verificadas pelo subteste do Wais – Vocabulário, pois  $p=0,821$ . Tanto os adolescentes infratores como os estudantes se encontram no limiar entre as classificações “limítrofe” e “médio-inferior”, pois apresentaram médias de 15,42% para os infratores e 14,08% para os estudantes. A média para a classificação limítrofe é de 5 a 9% e para médio-inferior é de 16 a 25%.

## 6 DISCUSSÃO

### 6.1 Características sócio-demográficas.

Inicialmente, buscou-se na presente pesquisa limitar a faixa etária abrangida, tanto no grupo de estudo como no grupo de controle, encontrando no estudo elaborado por Silva e Guerese (2003), a informação de que 76% dos adolescentes submetidos ao regime de internação no Brasil tinham a idade variando entre 16 e 18 anos.

A partir deste dado buscou-se, novamente, a homogeneização dos indivíduos através da especificação do nível de escolaridade dos adolescentes do estudo, visando atingir o maior número de sujeitos e excluir os extremos de escolaridade, tanto em nível inferior quanto no nível superior. Novamente, amparando-se nos dados coletados por Silva e Guerese (2003), que verificou que apenas a uma ínfima parcela dos adolescentes submetidos ao regime de internação no Brasil tinham concluído o ensino fundamental, limitou-se assim a população aos indivíduos que tinham no mínimo dois e no máximo oito anos de escolaridade.

Assim, a população objeto deste estudo restou limitada entre menores com idade entre 16 e 18 anos e que tinham no mínimo dois anos e no máximo oito anos de estudo.

A partir da especificação de parâmetros, obteve-se dados relevantes, que indicam a precariedade da instrução dentre os indivíduos componentes dos dois grupos de estudo.

Observou-se que dentre os alunos de escola pública (grupo de controle), a escolaridade atingia a 7,97 anos de estudo, média esta abaixo do esperado para a faixa etária, uma vez que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) prescreve que aos 6 anos o aluno deve iniciar o ensino fundamental com duração de 9 anos. Assim espera-se que os jovens de 17 e 18 anos já tenham concluído o ensino fundamental e estejam próximos de concluir o ensino médio.

Já em relação aos jovens submetidos ao regime de internação (Grupo de Estudo), observou-se uma disparidade ainda maior em relação à escolaridade, pois chegou-se apenas a 6,09 anos de estudos, revelando uma diferença estatística significativa entre os dois grupos.

Os estudantes, até o momento da pesquisa, tinham 7,97 anos de estudo, realçando a diferença entre o grupo de estudo e grupo de controle, vez que os infratores estudaram 6,09 anos. Esta diferença é estatisticamente significativa, mostrando que os estudantes de escola pública, apesar de atingidos pelo déficit educacional, encontravam-se com uma defasagem inferior à dos menores recolhidos.

Apesar de não ser objeto deste estudo, verificou-se que a fragilidade do sistema educacional é latente, pois tanto entre os alunos de escola pública convencional, quando dentre os alunos em sede de internação, pode

ser observada uma altíssima discrepância entre o fato e o esperado, pois a escolaridade de ambos os grupos encontrava-se muito aquém do previsto, revelando que, apesar de estatisticamente significativa, a diferença apontada revelou ser tênue a linha que separa os grupos no tocante à escolaridade.

Outro fato importante a ser ressaltado relacionado à escolaridade dos menores que se encontravam em cumprimento de medida sócio-educativa, vem a ser a obrigatoriedade do comparecimento às aulas ministradas na instituição, pois tal fator eleva sobremaneira a reduzida escolaridade dos indivíduos estudados.

Corroborando com o resultado encontrado neste estudo, na qual a baixa escolaridade é latente, temos a informação obtida por Silva e Guerese, (2003) de que apenas 2,7% dos adolescentes em cumprimento de medida sócio-educativa de internação terminaram o ensino fundamental. Para elas, o estar na escola é um fator essencial para prevenir o adolescente de cometer práticas infracionais.

Após o cruzamento dos dados do estudo, os sujeitos - infratores e não infratores - têm em média 16,68 anos de idade e 6,97 anos de escolaridade. Sendo assim, pode-se afirmar que existe uma defasagem entre idade e escolaridade de todos os adolescentes envolvidos na pesquisa.

Outro ponto analisado por este estudo vem a ser a classificação sócio-econômica dos indivíduos, sendo utilizado o critério da ABIPEME – Associação Brasileira de Institutos de Pesquisa de Mercado, através do qual

se pode apontar que 97% dos infratores pertencem às classes C e D. Já entre os estudantes, 66,7% estão inseridos nestas classes. Esta é uma diferença estatisticamente significativa, que nos leva ao seguinte questionamento: fator sócio-econômico leva à infração?

De acordo com o Instituto IBGE (2008), 30% da população brasileira vivia com rendimento mensal de até  $\frac{1}{2}$  salário mínimo, sendo assim classificado como pobre. Entre as crianças e os adolescentes de 0 a 17 anos de idade, a proporção de pobres era de 46%. Esta realidade social brasileira dificulta o desenvolvimento dos jovens que recebem uma educação precária. As famílias, na maioria das vezes, são disfuncionais, a violência está presente em seu cotidiano e as necessidades básicas (moradia, saneamento básico, comida etc) estão bem aquém do esperado.

Em relação à família, pesquisas pontuam que esta pode ser considerada como potencial fator de risco devido à separação dos pais, ausência de diálogo familiar, violências físicas e/ou verbais, histórico infracional familiar, visitas regulares à instituições prisionais dentre outros fatores (Assis, 1999, Butterfield, 1999, Thorthon *et al.* 2002, Negreiros, 2001).

Contatou-se através destes dados que os dois grupos envolvidos no estudo (infratores e estudantes) não possuem diferenças estatisticamente significativas em relação ao histórico infracional familiar, ou seja, possuem características semelhantes quanto ao cometimento de algum tipo de infração por parte de um membro da família. Este é um dado que merece

uma atenção especial, pois era esperado que houvesse uma distinção entre os grupos sendo necessário, mais uma vez, repensar o perfil dos estudantes que freqüentam as escolas públicas. Através desta constatação pode-se dizer que este grupo está no limiar entre viver dentro das regras da sociedade e o mundo da infração.

A questão que deve ser abordada: família facilita ou inibe a infração do menor? Hasson (2003) através da pesquisa intitulada “Análise da repercussão psicossocial do homicídio doloso na família do acusado” aponta que, nas famílias onde os pais cometeram crimes, existe uma grande chance dos filhos seguirem o mesmo padrão de comportamento.

Dentre os participantes desta pesquisa não havia nenhum morador de rua, reforçando o que Silva e Guerese (2003) demonstraram em seus estudos, onde 81% dos adolescentes em cumprimento de medida sócio-educativa viviam com a família, concluindo-se que o importante é a qualidade do vínculo e não a ausência de convivência familiar.

No tocante à paternidade, o sociólogo Poponoe (1996) afirma que o declínio da paternidade leva a problemas como a delinquência, dependência de drogas, déficits escolares, dentre outros.

Em suma, de acordo com as pesquisas abordadas e a análise dos dados deste estudo, conclui-se que a família tem um papel importante na prática do ato infracional por parte do adolescente. Não se pode dizer que o histórico familiar determina o cometimento do ato infracional, mas pode influenciar a ação.

## 6.2 Perfil Álcool e Drogas

Um dos pilares deste estudo vem a ser a percepção da influência da utilização de álcool, tabaco e drogas ilícitas como facilitador ou não da ocorrência da violência praticada por adolescentes.

Inicialmente, partindo do senso comum, pelo qual acredita-se que aqueles que se encontram à margem da sociedade, através do cometimento de crimes ou atos infracionais, estão mais ligados ao consumo de álcool e drogas, obteve-se dados interessantes e, porque não dizer, alarmantes.

Extraiu-se das entrevistas realizadas, que os menores em cumprimento de pena, bem como o grupo de controle, possuem um relacionamento com a bebida alcoólica, de variação desprezível, insignificante.

Tal situação traz à tona uma realidade inusitada, na qual o grupo de controle não se afasta do grupo de estudo no quesito álcool, restando incontestado, que por ser socialmente aceita, a ingestão de bebida alcoólica entre jovens, equipara transgressores e não transgressores, suscitando a hipótese de que o consumo indiscriminado de álcool, poderia estar diretamente ligado ao risco de violência que sujeita os jovens como um todo.

Quando, em entrevista, questionou-se a utilização de drogas, houve uma alteração considerável, pois percebeu-se que dentre os infratores, a utilização de drogas ilícitas é significativamente superior à do grupo de controle; assim, observou-se que os infratores fazem uso mais intenso de

drogas do que os estudantes e que o tipo de droga também difere. Os estudantes que utilizaram substâncias ilícitas afirmaram ter feito uso apenas de maconha e os infratores usaram, além da maconha, drogas mais “pesadas” como cocaína/crack.

Comparando os achados deste estudo com a literatura sobre a relação do uso de drogas e delinquência, confirma-se que o uso de substâncias psicoativas, a par de não ser a causa determinante, funciona como catalisador da violência (Kuo *et al.*, 2002, Ferigolo *et al.*, 2004, Silva e Guerese, 2003, Helstrom *et al.*, 2004; Lennings *et al.*, 2006).

Um outro questionamento que deve ser colocado é: o aumento da violência ocorre em decorrência do uso abusivo de álcool e drogas ou adolescentes com problemas de conduta tem maior probabilidade de usar essas substâncias?

Estudos recentes apontam a progressão quase geométrica no consumo de álcool, sendo observado por Carlini *et al.* (2006) que, em cinco anos, a ingestão de bebidas alcoólicas entre os jovens de 12 a 17 anos aumentou 30% e 25% entre os jovens de 18 a 24 anos. Em consonância com este dado, a Secretaria Nacional Antidrogas (Senad), juntamente com a UNIFESP (2003-2007), realizou uma pesquisa que indica que 13% do total de adolescentes apresentam padrão intenso de consumo de álcool e 10% consomem álcool ao menos uma vez no mês e potencialmente em quantidades arriscadas.

Superada a fase de entrevistas com os grupos, passou-se à aplicação de testes, sendo que para a obtenção de informações acerca de álcool e drogas, utilizou-se a Escala Dusi-R, observando-se, que a utilização de álcool, pelos dois grupos estudados, apresentou diferenças estatísticas significativas, apontando um uso mais severo de bebida por parte do grupo controle, o que é perfeitamente explicável, tendo em vista a inacessibilidade dos menores em internação a etílica.

Já no tocante às drogas, inexistiram diferenças significativas em termos estatísticos entre os dois grupos estudados, sendo tal resultado também compreensível ante a indisponibilidade de drogas àqueles que se encontram privados de liberdade em contrapartida ao fácil acesso às drogas dos componentes do Grupo Controle.

Ressalte-se que a Escala Dusi trabalha sobre a realidade do pesquisado no ano anterior à aplicação do teste, sendo que, em inúmeros casos, os internos da instituição de ressocialização já se encontravam recolhidos a mais de um ano. Assim restam perfeitamente justificáveis as informações levantadas.

Da mesma forma, justificável vem a ser a diferença entre os dados obtidos através da entrevista e na escala Dusi, podendo-se concluir que a falta de livre acesso às drogas inibiu a utilização.

Na avaliação acerca da idade de início do uso de drogas, foi constatado que não houve uma diferença estatisticamente significativa entre os infratores e os estudantes, sendo que ambos os grupos iniciam a

utilização de drogas em idade precoce. Ferigolo *et al.* (2004) apontam que quanto mais cedo se inicia o uso de álcool e tabaco, maior a vulnerabilidade de se desenvolver o abuso e a dependência das mesmas substâncias e, concomitantemente, o uso de drogas ilícitas.

Como os problemas relacionados à dependência de álcool e drogas podem atingir vários aspectos da vida de um indivíduo, a escala DUSI-R ofereceu uma visão das áreas mais afetadas por este comportamento de uso de substâncias, permitindo assim detalhar este universo tão complexo, que é o das drogas e álcool e suas conseqüências.

As áreas que apresentaram maiores índices de problemas referem-se a Uso de Substâncias (DAP1), Desordens Psiquiátricas (DAP4) e Trabalho (DAP8).

No tocante aos domínios que contribuíram para o percentual de cada área no total de problemas foram: Padrões de comportamento (DRP2), Desordens Psiquiátricas (DRP4), Sistema Familiar (DRP6), Escola (DRP7) e Trabalho (DRP8).

Em relação à intensidade geral de problemas, calculado através do DGP, vale ressaltar que os infratores apresentaram um percentual mais alto do que os estudantes- 35,28% e 29,07%, respectivamente. A literatura nos aponta que uma densidade igual ou acima de 28% indica uma possibilidade da existência de transtorno relacionado ao uso de substâncias, ou seja, os dois grupos se mostraram acima da média esperada, mais uma vez

confirmando que o grupo de estudantes desta pesquisa se encontra no limiar da delinqüência.

Por hora, permite-se inferir que, como os adolescentes infratores, diferentemente dos estudantes, se encontravam afastados de sua família (DRP6) e a freqüência na escola (DRP7) era obrigatória, seria possível esperar que estes domínios citados acima não se configurassem como problemas para este grupo. Já ao contrário para os estudantes, onde a freqüência escolar não era obrigatória e coabitavam com os familiares, há um aumento na possibilidade de existirem conflitos nestas respectivas áreas.

### 6.3 Perfil Cognitivo

Outro fator relevante no presente estudo vem a ser a avaliação do perfil cognitivo do sujeitos pesquisados e a provável interrelação de eventuais deficits e a transgressao.

Em uma visão simplista, podemos definir a cognição como a capacidade de absorção de conhecimento e experiências para posterior utilização; assim, uma deficiência cognitiva traz em seu bojo a dificuldade em armazenar valores, regras de condutas, sentimentos, ou seja, a propria racionalidade inerente ao ser humano.

Inúmeros pesquisadores se lancaram na busca de promover este paralelo sendo observado por Mofit (1993) e Taylor et al (2006), uma contribuição do fraco desempenho cognitivo dentre outras características neuropsicológicas para a ocorrência do comportamento antisocial.

Já segundo Lezak (1995), as funções cognitivas contribuem para a construção do termo “funções executivas”, que incluem a capacidade de iniciar ações, planejar e prever meios de solucionar problemas, adiantar conseqüências e modificar estratégias de forma flexível. Aquelas funções relacionadas à aquisição, formação, consolidação e recuperação de informações são os processos comuns à memória, enquanto a atenção pode ser brevemente definida como a capacidade de alocar recursos cognitivos focalizando determinado estímulo externo ou interno, como afirma Groth-Marnat (2000).

A correlação entre o comportamento violento e a baixa resposta às funções cognitivas/executivas, também foi apontada por Grekin et al (2004), que, citando Yeudall (1982), reporta que delinqüentes juvenis tiveram um desempenho rebaixado das funções do lobo frontal em relação aos não delinqüentes.

Visando a análise da influência do perfil cognitivo como ensejador ou não da violência entre grupo estudado, foram aplicados diversos testes neuropsicológicos, para posterior análise comparativa.

Buscou-se apurar a capacidade cognitiva dos sujeitos do estudo, através da aplicação de diversos testes neuropsicológicos sendo eles o teste Atenção Concentrada, Trail Making, Matrizes Progressivas de Raven, Teste da cor da palavra de Stroop, e os Subtestes do WAIS (Dígitos Direto e Inverso, Seqüência de Letras e Números, Vocabulário).

O teste de Atenção Concentrada, segundo seu próprio criador, busca quantificar a capacidade humana de selecionar uma fonte de informação (estímulo do meio ou do mundo interior) dentre todas as que estão disponíveis em um determinado momento e conseguir dirigir sua atenção (manter o foco) para esse estímulo ou tarefa a ser realizada no decorrer do tempo (Cambráia, 2003).

Já através do Trail Making é avaliada a capacidade do cérebro diante de alternância de estímulo, de atenção dividida e flexibilidade cognitiva. Entende-se que atenção dividida é a capacidade de um indivíduo em desempenhar mais de uma tarefa simultaneamente e flexibilidade cognitiva é a capacidade do sujeito em mudar com facilidade de uma atividade ou uma idéia para outra, de ser criativo e original e esta requer uma maquinaria neural que depende dos lobos frontais (Goldberg, 2001). Pode-se falar em transferência de conhecimento.

Matrizes Progressivas de Raven é um teste de observação e de clareza do pensamento e pretende abranger toda a amplitude do desenvolvimento intelectual, como apontou Raven (2003).

Para avaliar a medida de atenção seletiva, que é direcionar a atenção para uma determinada parte do ambiente enquanto os demais estímulos à sua volta são ignorados e, novamente, a capacidade de flexibilidade mental, utilizou-se o Teste da Cor da Palavra de Stroop.

Os subtestes da escala do Wais utilizados neste estudo avaliaram as seguintes funções: atenção focada, atenção e memória operacional ou de

trabalho, através dos subtestes Dígitos e Seqüência de Letras e Números e habilidades cognitivas gerais através do Vocabulário.

Após a aplicação de toda a bateria de testes, observou-se que tanto os adolescentes infratores como os estudantes, tiveram resultados aquém da média considerada para a faixa etária, sendo que apenas no teste de Matrizes Progressivas de Raven, houve uma pequena diferenciação de resultados, no quais os jovens em cumprimento de medida foram classificados como “inteligência definitivamente inferior à média” enquanto o grupo de controle foi identificado como “inteligência inferior à média”.

Através de uma suposição anterior a aplicação dos testes, guiada pelo senso comum, era esperado que o grupo controle tivesse um desempenho abaixo da média, pois ainda se encontrava no máximo na 7ª. ou 8ª. série e o esperado é que eles tivesse concluído o ensino fundamental com 14 anos. Todavia um questionamento faz-se necessário: por que razão, ou razões, quando foi realizada a comparação entre os dois grupos, não foi constatada nenhuma diferença considerável entre eles no tocante ao perfil cognitivo?

Pode-se pensar sobre o nosso sistema educacional público. O grupo de estudantes, mesmo não tendo um comprometimento em relação à escola é forçado, pelo o sistema escolar, a um regime de progressão de ano, independente do nível do conhecimento em que se encontra. Já os infratores são obrigados a freqüentar a escola, mas esta apresenta certas dificuldades inerentes ao seu funcionamento, como por exemplo, falta de professores,

espaço físico inadequado, materiais inapropriados, além do regime de progressão.

## 7 CONCLUSÕES

Baseando-se nos resultados obtidos comparados com os estudos relacionados ao tema, tem-se que os principais achados deste estudo são:

1. Diante do perfil sócio demográfico foi verificado que a escolaridade, tanto o grupo dos infratores quanto dos estudantes, está muito aquém do esperado para a faixa etária. A diferença entre os dois grupos chega a ser estatisticamente significativa, mas houve uma defasagem entre a idade e escolaridade de todos os sujeitos envolvidos na pesquisa.

Este estudo apontou que, em relação à classificação sócio-econômica, os infratores pertenciam a classes menos favorecidas em detrimento dos estudantes provenientes das escolas públicas. Este dado corroborou com o perfil dos adolescentes que estavam em cumprimento de medida sócio-educativa de internação no país.

2. Em relação ao uso de álcool e drogas, foi constatado que o diferencial entre os infratores e os estudantes de escolas públicas foi o uso de drogas, sendo que o grupo de estudo apresentou maiores problemas relacionados ao uso de substâncias ilícitas. Já o uso de álcool e a idade de início do contato com estas substâncias não se mostraram diferentes entre os grupos.

3. Na investigação do perfil cognitivo dos jovens em conflito com a lei, foi constatado que o desempenho destes adolescentes é aquém da média,

apontando que as funções cognitivas e neuropsicológicas se mostram alteradas.

Porém, o grupo de controle, ou seja, os estudantes provenientes das escolas públicas, também apresentaram um desempenho abaixo da média, o que permitiu questionar sobre a qualidade do nosso sistema público de ensino.

## **Anexos**

**Anexo A**

Alvará Judicial - Juizado da Infância e Juventude



ESTADO DE GOIÁS  
**PODER JUDICIÁRIO**  
**JUIZADO DA INFÂNCIA E JUVENTUDE**

**Dr. Maurício Porfírio Rosa, Juiz de Direito**  
**no Juizado da Infância e**  
**Juventude da Comarca de Goiânia,**  
**Capital do Estado de Goiás, na forma da Lei, etc.**

**ALVARÁ JUDICIAL**

Usando das atribuições que lhe são conferidas por Lei, **AUTORIZA JOANNA HEIM**, brasileira, casada, Psicóloga, residente no Jardim América, nesta capital, a realizar um estudo junto ao CIA - 1 BPM, podendo efetivar pesquisas, entrevistas e demais atos necessários a conclusão do trabalho de pós - graduação, observando-se as cautelas de praxe e as normas da instituição.

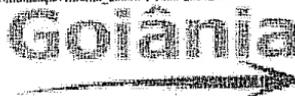
**DADO E PASSADO**, nesta cidade de Goiânia, Capital do Estado de Goiás, aos 08 de fevereiro do ano de 2006. Eu, \_\_\_\_\_, Erich Brenner Júnior, escrivão, o conferi e subscrevi.

**Dr. Maurício Porfírio Rosa**  
 Juiz de Direito  
 no Juizado da Infância e Juventude

Juizado da Infância e da Juventude  
 Rua T-47 nº -69 - S. Lr. Bueno  
 CEP 74.210-180 - Goiânia - GO

**Anexo B**

Autorização Departamento Pedagógico da Secretaria Municipal de  
Educação de Goiânia



PREFEITURA DE GOIÂNIA  
ESTADO DE GOIÁS  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO

**C.I. Nº 1053/06 – DEPE**

**Goiânia, 04 de agosto de 2006.**

**DO: DEPARTAMENTO PEDAGÓGICO  
PARA: GABINETE**

Em atendimento à solicitação, de Vossa Senhoria, quanto ao pedido de autorização para que Joanna Heim, brasileira, Psicóloga, R.G n.º 3451318-6765149, possa realizar estudos em unidades educacionais da Rede Municipal de Educação de Goiânia, para subsidiar sua pesquisa junto à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, que tem por tema “A Criminalidade na Adolescência”, o Departamento Pedagógico apresenta seu posicionamento.

Percebemos que a finalidade da pesquisa junto às unidades educacionais é a obtenção de um levantamento, paralelo e de iguais características, com um grupo equivalente de adolescentes de uma mesma faixa etária e escolaridade, que não se encontrem em cumprimento de medidas sócio-educativas, sobre os aspectos que determinam e/ou influenciam o cometimento do ato infracional.

Ressaltamos que tal procedimento visa, posteriormente, avaliar e planejar a reintegração dos adolescentes à sociedade.

Assim sendo, este Departamento é favorável ao desenvolvimento da referida pesquisa em nossas Unidades Educacionais.

Atenciosamente,

  
**Prof. Isa Maria Braga**  
**Diretora do Departamento Pedagógico**

*Autouzi*  
*Rosemary*  
Rose Mary de Souza  
Chefe do Gabinete-SME  
Dir. 112 de 14/04/05

**Anexo C**

Autorização - Escola Estadual Colemar Natal e Silva

## AUTORIZAÇÃO



A direção da Escola Estadual  
Edemar Natal e Silva

autoriza à Psicóloga Joanna Heim, brasileira, casada, residente no Setor Oeste, nesta capital, a realizar uma pesquisa de pós-graduação realizada pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, que tem por tema "A criminalidade na Adolescência", junto a esta instituição de Ensino.

Percebemos que a finalidade da pesquisa junto à escola é a obtenção de um levantamento paralelo e de iguais características, com um grupo equivalente de adolescentes de uma mesma faixa etária e escolaridade, sobre aspectos que determinam e/ou influenciam o cometimento do ato infracional.

Goiânia, outubro de 2006.

Prof.<sup>a</sup> Adriana Martins de Almeida  
Diretora  
Port. nº 3743/2005

A Direção

**Anexo D**

Autorização - Escola Estadual José Honorato

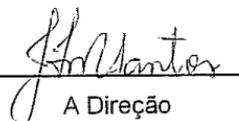
## AUTORIZAÇÃO

A direção da Escola Estadual  
Jose Honorato

autoriza à Psicóloga Joanna Heim, brasileira, casada, residente no Setor Oeste, nesta capital, a realizar uma pesquisa de pós-graduação realizada pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, que tem por tema "A criminalidade na Adolescência", junto a esta instituição de Ensino.

Percebemos que a finalidade da pesquisa junto à escola é a obtenção de um levantamento paralelo e de iguais características, com um grupo equivalente de adolescentes de uma mesma faixa etária e escolaridade, sobre aspectos que determinam e/ou influenciam o cometimento do ato infracional.

Goiânia, outubro de 2006.



A Direção

Juliana Lara Moreira Santos  
Diretora - Port. Nº 3757/2005

**Anexo E**

Autorização - Escola Municipal Mônica de Castro

Carneiro

**Goiânia**  
O futuro se faz agora

PREFEITURA MUNICIPAL DE GOIÂNIA  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
ESCOLA MUNICIPAL MÔNICA DE CASTRO CARNEIRO



### AUTORIZAÇÃO

A direção da Escola Municipal Mônica de Castro Carneiro autoriza a Psicóloga **Joana Heim** desenvolver a pesquisa de mestrado/ doutorado.

Goiânia, 08 de junho de 2006.

A Direção

  
Leila L. Estulano Garcia Lima  
Diretora  
Decreto Nº. 3605 de 28/12/05

**Anexo F**

Classificação Social - ABIPEME

## Classificação Social - Abipeme

Nome: \_\_\_\_\_ No.do protocolo \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_\_\_

## Classificação social pela ABIPEME

A - EM SUA CASA      NÃO      SIM      QUANTIDADE

TEM?

			1	2	3	4	5	6OU+
TELEVISÃO			2	4	6	8	10	12
EMPREGADA MENSALISTA			6	12	18	24	24	24
RÁDIO			1	2	3	4	5	6
BANHEIRO			2	4	6	8	10	12
ASPIRADOR DE PÓ			5	5	5	5	5	5
MÁQUINA DE LAVAR			2	2	2	2	2	2
AUTOMÓVEL DE PASSEIO			4	8	16	16	16	16

---

TOTAL

B-QUAL A INSTRUÇÃO DO CHEFE DE FAMÍLIA?

SEM INSTRUÇÃO/PRIMÁRIO INCOMPLETO	0
PRIMÁRIO COMPLETO/GINÁSIO INCOMPLETO	1
GINÁSIO COMPLETO/COLEGIAL INCOMPLETO	3
COLEGIAL COMPLETO/SUPERIOR INCOMPLETO	5
SUPERIOR COMPLETO	10
TOTAL	<input type="text"/>

TOTAL GERAL

CLASSE ABIPEME

A	(35 OU MAIS)	1
B	(21 - 34)	2
C	(10 - 20)	3
D	(05 - 09)	4
E	(00 - 04)	5

**Anexo G**

Parecer de aprovação da Comissão de Ética para Análise de Projetos de Pesquisa- CAPPesq- HCFMUSP e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - ADOLESCENTE EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SÓCIO-EDUCATIVA

**OBJETIVO DA PESQUISA**

Você vai participar da pesquisa **“Estudo Prospectivo Biopsicosocial de Adolescentes em Cumprimento de Medida Sócio Educativa na Cidade de Goiânia - Goiás”**, que pretende avaliar os fatores que influenciam a prática do ato infracional por parte dos adolescentes bem como para planejar a sua reintegração a sociedade.

Você foi escolhido porque está cumprindo uma medida sócio-educativa, internação, tem entre 16 e 17 anos, possui entre dois e oito anos de escolaridade e pertence à classe social A, B, C, D e E. Estarei fazendo uma avaliação psicológica através de entrevista e alguns testes sendo que não me interessa o delito cometido e os motivos que o levaram a cometer tal atitude.

**CONSENTIMENTO**

Eu, adolescente em cumprimento de medida sócio-educativa, declaro ter discutido com a pesquisadora Joanna Heim sobre a minha decisão em participar desta pesquisa. Ficaram claros para mim os objetivos do estudo, os procedimentos e garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Estou ciente de que a minha participação é isenta de qualquer prejuízo à minha pessoa ou benefício ou prejuízo à medida sócio-educativa a qual estou respondendo. Assim concordo voluntariamente em participar deste estudo e sei também que poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo a minha pessoa ou à medida sócio-educativa a qual estou respondendo.

Declaro que fui suficientemente esclarecido através das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo.

Goiânia \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do adolescente

ou impressão digital

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ESTUDANTE DE ESCOLA PÚBLICA

**OBJETIVO DA PESQUISA**

Você vai participar da pesquisa “**Estudo Prospectivo Biopsicosocial de Adolescentes em Cumprimento de Medida Sócio Educativa na Cidade de Goiânia - Goiás**”, que pretende avaliar os fatores que influenciam a prática do ato infracional por parte dos adolescentes bem como para planejar a sua reintegração a sociedade.

A pesquisa com os estudantes de escola pública pretende estabelecer um parâmetro através de um grupo de sujeitos que não estão em cumprimento de medida sócio-educativa como parâmetro de controle.

Você foi escolhido porque, tem entre 16 e 17 anos, possui entre dois e oito anos de escolaridade e pertence à classe social A, B, C, D e E . Estarei fazendo uma avaliação psicológica através de entrevista e alguns testes.

**CONSENTIMENTO**

Eu, estudante de Escola Pública, declaro ter discutido com a pesquisadora Joanna Heim sobre a minha decisão em participar desta pesquisa. Ficaram claros para mim os objetivos do estudo, os procedimentos e garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Estou ciente de que a minha participação é isenta de qualquer prejuízo à minha pessoa ou benefício ou prejuízo à minha educação escolar. Assim concordo voluntariamente em participar deste estudo e sei também que poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, sem qualquer prejuízo a minha pessoa.

Declaro que fui suficientemente esclarecido através das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo.

Goiânia \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

---

Assinatura do adolescente ou  
impressão digital

---

Assinatura pesquisador

---

Assinatura dos pais ou responsável

**Anexo H**

Teste de comprovação de normalidade de cada uma das variáveis:

FATOR	N	MEDIA	DP	Z	P
Raven	59	8,73	10,93	3,174	<0,001
Stroop tempo3	61	80,51	24,07	1,412	0,037
Sequencia de letras e números	58	35,16	24,18	1,213	0,106
Vocabulário	56	14,82	15,1	2,039	<0,001
AC	53	42,45	30,09	1,089	0,186
Trail Making tempoA	57	61,3	18,97	1,293	0,07
Trail Making tempoB	56	163,38	81,94	1,07	0,202
Digitos Direto e Indireto	57	31,65	21,03	1,4	0,04
Idade	63	16,68	0,56	2,766	<0,001
Escolaridade	62	6,97	1,34	2,578	<0,001

Nota: Teste de aderência Kologorv-Smirnov de uma variável para comprovação ou não de normalidade.

**ANEXO I**

Teste de comprovação de normalidade de cada uma das variáveis deste estudo

Teste de aderência Kologorv-Smirnov de uma variável para comprovação ou não de normalidade.

	N	MEDIA	DP	Z	P
dap1	61	23,26	21,5	1,56	0,015
dap2	61	30,52	15,9	0,852	0,463
dap3	61	26,67	16,75	1,234	0,095
dap4	61	32,55	17,93	0,716	0,684
dap5	61	31,69	16,49	0,999	0,272
dap6	61	29,94	17,2	1,129	0,156
dap7	60	36,11	14,36	1,111	0,169
dap8	61	24,59	18,21	1,779	0,004
dap9	61	47,1	23,53	1,306	0,066
dap10	61	41,49	19,32	0,939	0,341
drp1	61	6,26	3,96	0,677	0,749
drp2	61	9,71	4,33	0,927	0,357
drp3	61	8,1	4,34	0,994	0,276
drp4	61	9,73	3,63	0,766	0,601
drp5	61	10,07	4,59	0,867	0,44
drp6	61	9,15	4,16	0,866	0,441
drp7	61	12,26	5,01	0,969	0,305
drp8	61	7,47	4,37	0,974	0,299
drp9	61	14,17	6,22	0,942	0,338
drp10	61	13,09	4,49	0,641	0,806

dgp	61	32,59	12,87	0,855	0,458
-----	----	-------	-------	-------	-------

## Referências

Adler, A. Journal Articles: 1898-1909. *A Study of Organ Inferiority: 1907. The Mind-Body Connection Social Activism & Sexuality* - The collected Clinical Works of Alfred Adler- Volume 2. New Translations by Gerald L.Liebenau Edited by Henry T. Stein, PhD. The classical Adlerian Translation Project: Washington, 2002.

Amiti Mackesy ME, Fendrich M - *Inhalant use and delinquent behavior among adolescents: a comparison of inhalant users and other users.* Addiction 94(4):555-564, 1999.

Assis, S - *Traçando caminhos em uma sociedade violenta: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não-infratores.* Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

Belenko S, Logan TK - *Delivering more effective treatment to adolescents: improving the juvenile drug court model.* J. Substance Abuse Treatment 5: 189-211, 2003

Blanco JMG – *Violencia, acción y comunicación* – Universidad de Oviedo, papers 84, pp. 157-166, 2007. Disponível em <http://www.raco.cat/index.php/Papers/article/view/72384/82641>. Acessado em 25/09/08.

Botvin GJ, Griffin KW, Nichols TD - *Preventing youth violence and delinquency through a universal school-based prevention approach*. *Prev Sci* 7: 403-408, 2006. Published online: 29 November 2006. Disponível no site <http://www.ncbi.nlm.gov/sites/entrez>. Acessado em 27/09/2009.

Butterfield, F. *Parents in prison: a special report. As inmate population grows, so does a focus on children*. *The New York Times*, 7 apr. 1999: A1.

Cambraia SV – *Teste Atenção Concentrada* - São Paulo: Vetor, 2003

Catania AC - *Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição*. Porto Alegre: Artemed, 1999

Carlini EA *et al.* – *V Levantamento Nacional sobre consumo de drogas Psicotrópicas entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio na Rede Pública de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras (2004)*. Centro Brasileiro sobre Informações de Drogas Psicotrópicas  
[http://www.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/levantamento\\_brasil2/index.htm](http://www.unifesp.br/dpsicobio/cebrid/levantamento_brasil2/index.htm).  
Acessado em 30/10/2009.

Costa, Danielle I., Azambuja, Luciana S., Portuguese, Mirna W., Costa, Jaderson C. *Avaliação neuropsicológica da criança*. *Jornal de Pediatria*. Rio de Janeiro. Vol.80, no.2, suppl.0. Porto Alegre: Apr. 2004. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572004000300014&lng=en&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572004000300014&lng=en&nrm=iso&tlng=en). Acessado em 11/11/09

Crowley TJ, Mikulich SK, MacDonald, M, Young, SE, Zerbe, GO - *Substance-dependent, conduct-disordered adolescent males: severity of diagnosis predicts 2-year outcome*. *Drug Alcohol Depend* 49: 225-237, 1998

Dollard J, Miller NE, Doob LW, Mowrer OH, Sears RR - *Frustration and aggression*. New Haven, Conn: Yale University Press, 1939

Durant RH, Knight J, Goodman E - *Factors associated with aggressive and delinquent behaviors among patients attending an adolescent medicine clinic*. J Adolesc Health 21: 303-308, 1997

Elmund A, Melin L, Von Knorring A-L, Proos L, Tuvemo, T- *Cognitive and Neuropsychological functioning in transnationally adopted juvenile delinquents*. Acta Paediatr. Vol.93, pp. 1507-1513, 2004.

Ferigolo M, Barbosa FS, Arbo E, Malysz AS, Stein AT, Barros HMT - *Drug prevalence at Febem, Porto Alegre*. Rev Bras Psiquiatr 26(1): 9-15, 2004

Fortes AJR, Cardo WN - *Alcoolismo – diagnóstico e tratamento*. São Paulo: Sarvier, 1991

Freud S - *Obras completas de Sigmund Freud*. vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1987

Fromm E - *The anatomy of human destructiveness*- New York: Owl Book, 1992

Fundação IBGE. *Síntese de Indicadores Sociais: Uma análise das Condições de Vida da População Brasileira*, 2008. Disponível em [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicador\\_esminimos/sinteseindicsoais2008/indic\\_sociais2008.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicador_esminimos/sinteseindicsoais2008/indic_sociais2008.pdf). Acessado em 30/10/2009.

Goldberg,E. *O Cérebro Executivo: Lobos Frontais e a Mente Civilizada*. Rio de Janeiro. Imago, 2002.

- Goldstein, LH e Mcneil, JE. *Clinical Neuropsychology: A Practical Guide to Assessment and Management for Clinicians*. (Paperback). Wiley: England. The Atrium, Southern Gate, Chikester. 2004.
- Gonzalvo GO - *Estado de salud de jóvenes varones delincuentes*. Aten Primaria 29(7): 421-424, 2002
- Gorman-Smith, D; Tolan, PH, Zelli, A. & Huesmann, LR (1996). *The relation of family functioning to violence among inner-city minority youths*. Journal of Family Psychology, 10,101-116.
- Grekin ER, Brennan PA, Hammen C. *Parental Alcohol Use Disorders and Child delinquency: The Mediating Effects of Executive Functioning and Chronic Family Stress*. Journal of Studies on Alcohol, January, 2004
- Hasson ME. *Análise da repercussão psicossocial do homicídio do dodo na família do acusado* [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2003.
- Helstrom A, Bryan A, Hutchison KE, Riggs PD, Blechman E. *Tobacco and alcohol use as an explanation for the association between externalization behavior and illicit drug use among delinquent adolescents*. Prev Sci (5): 4, 2004
- Jung CG - *Arquetipos e inconsciente colectivo*. 2.ed. Buenos Aires : Paidos, 1974
- Kaplan HI, Sadock J - *Tratado de Psiquiatria* - Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1999.

Kellerman J - *Filhos Selvagens- Reflexões sobre Crianças Violentas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002

Kelly T, Richardson G, Hunter R, Knapp M – *Attention and Executive Function Deficits in Adolescent Sex Offenders*. Brief Report, Child Neuropsychology, Vol. 8, No. 2, pp. 138-143, 2002

Kim HS, Kim HS - *Gender differences in delinquent behavior among Korean adolescents, child psychiatry and human development*. Child Psychiatry and Human Development, 35(4), pp. 325-345, 2005

Kuo PH, Yang HJ, Soong W.T, Chen WJ - *Substance use among adolescents in Taiwan: associated personality traits, incompetence, and behavioral/emotional problems*. Drug Alcohol Depend 67: 27-39, 2002

Lennings CJ, Kenny DT, Nelson P - *Substance abuse and treatment seeking in young offenders on community orders*. J Subst Abuse Treat 31: 425-432, 2006

Lezak MD - *Neuropsychological Assessment*- Oxford University press, 1995

Lorenz K - *On aggression*. New York: Harcourt Brace and World, 1966

Loeber R, Dustin A, Loeber-Stouthamer M, Raine A - *Do cognitive, physiological and psychosocial risk and promotive factors predict desistance from delinquency in males?* Development and Psychopathology, Vol.19, pp. 867-887, 2007

Lynam D, Moffit TE, & Strouthamer-Loeber J - *Explaining the relationship between IQ and delinquency: Class, race, test motivation, school failure or self-control?* Journal of Abnormal Psychology, vol.102, pp.187-196, 1993

Malhotra C, Sharma N, Saxena R, Ingle GK - *Drug use among juveniles in conflict with the law*. Indian Journal of Pediatrics 74, 2007

McCord, J. *Understanding Childhood and Subsequent Crime* – (2002).

Disponível em <http://www.unc.edu/~gsmunc/JoanMcCord/McCord%201999%20Understanding%20Childhood%20and%20Subsequent%20Crime.pdf>. Acessado em 30/10/2009.

Meichenbaum D - *Treatment of individuals with anger-control problems and aggressive behavior: a clinical handbook*. Clearwater, FL: Institute Press, 2001

Micheli D, Formigoni NL - *Drug Use Screening Inventory- Revised-* São Paulo, 2000

Micheli D, Formigoni NL - *Drogas mais consumidas por adolescentes, pela ordem: álcool, tabaco, maconha, inalantes, cocaína. Usuários são os que mais brigam e roubam* – Prometeu – Notícias de universidades e centros de pesquisa, 7/06/02. Disponível em: <http://www.prometeu.com.br/noticia.asp?cod=517> | *Levantamento Nacional sobre Padrões de Consumo de Álcool na População Brasileira*, 2007. Acessado em 30/10/2009.

Moffitt TE, Caspi A, Harrington H, Milne BJ – *Males on the life-course-persistent and adolescence-limited antisocial pathways: Follow-up at age 26 years*. Development and Psychopathology, vol. 14, pp. 179-207, 2002

National Center on Addiction and Substance Abuse – *Teen Tipplers: America's underage Drinking Epidemic*, 2002. Disponível em:

[http://www.activistcash.com/organization\\_overview.cfm/oid/318](http://www.activistcash.com/organization_overview.cfm/oid/318). Acessado em 18/10/2009.

Negreiros J. *Delinqüências juvenis. Trajectórias, intervenção e prevenção*: Lisboa, Notícias Editorial, 2001.

Pinho LM - *Estatuto da Criança e do Adolescente Lei 8.069/90* - Rio de Janeiro: Roma Victor, 2002

Poponoe D. *Life without father*. New York: Martin Kessler Books, 1996.

Presidência da República. Secretaria Especial dos Direitos Humanos.

*Adolescentes privados de liberdade no Brasil*. Disponível em

<http://www.direitos.org.br/index.php?>

[option=com\\_content&task=view&id=1815&Itemid=2](http://www.direitos.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1815&Itemid=2). Acessado em 30/10/2009.

Raven JC - *Matrizes Progressivas- Escala Geral* - Rio de Janeiro: CEPA, 2002

Secretaria Nacional Antidrogas (Senad) e Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – *I Levantamento Nacional sobre Padrões de Consumo de Àlcool na População Brasileira*, 2007. Disponível em:

[http://www.feteb.org.br/artigos/pre\\_e\\_federadas/i\\_levantamento\\_padroes.pdf](http://www.feteb.org.br/artigos/pre_e_federadas/i_levantamento_padroes.pdf). Acessado em 18/09/2009.

Silva, E. R. A e Guerresi, S. *Adolescentes em Conflito com a Lei: Situação do Atendimento Institucional no Brasil*. Brasília, agosto de 2003 - Artigo retirado do site [http://desafios2.ipea.gov.br/pub/td/2003/td\\_0979.pdf](http://desafios2.ipea.gov.br/pub/td/2003/td_0979.pdf) dia 23/10/2009.

Soukup ,VM, Ingram F, Grady, JJ , Schiess, MC. *Trail Making Test: Issues in Normative Data Selection*. Journal Article Excerpt: Applied Neuropsychology, Vol. 5, 1998. Disponível em <http://www.questia.com>

[/googleScholar.qst;jsessionid=K6wDkwwg4HfsJg1xBSCkX295Sp1dJtSLLSCvG4CvDLsvG6PJsyhcr!202879380!-1424203806?docId=90768520](http://www.googleScholar.qst;jsessionid=K6wDkwwg4HfsJg1xBSCkX295Sp1dJtSLLSCvG4CvDLsvG6PJsyhcr!202879380!-1424203806?docId=90768520). Acessado em 11/11/09.

*Spreen O, Strauss E - A compendium of Neuropsychological Tests- administration, norms and commentary- New York: Oxford University Press, 1998*

Sullivan H S - Trad. Frederico López Cruz. *La teoria interpersonal de la psiquiatria*. Buenos Aires: Editorial Psique, 1974

Swahn MH, Donovan J.E - *Correlates and predictors of violent behavior among adolescent drinkers*. J. Adolesc Health 34: 480-492, 2004

Taylor J, Skubic K, Lonely BR, Kistner JA – *Classification of Severe Male Juvenile Offenders Using the MACI Clinical and Personality Scales*. Journal of Clinical and Adolescent Psychology 35, vol.1. pp. 90-102, 2006.

Thornton, Timothy N. et all. *Best Practices of Youth Violence Prevention: A Sourcebook for Community Action*. Disponível no site <http://www.cdc.gov/NCIPC/dvp/bestpractices/Introduction.pdf>. Acessado dia 10/11/2009.

Unicef. *A Voz dos Adolescentes (2002)* . Disponível no site <http://www.unicef.org/brazil/pt/vozdosadolescentes02.pdf>. Acessado dia 30/10/2009.

Veneziano C, Veneziano L, Legrand S, Richards L- *Neuropsychological Executive Functions of Adolescent Sex Offenders and Nonsex Offenders. Perceptual and Motor Skills*, 98, pp. 661-674, 2004

Vermeiren R, Schawab-stone M, Ruchkin V, De Clippele A, Deboutte D - *Predicting Recidivism in Delinquent Adolescents from Psychological and Psychiatric Assessment- Comprehensive Psychiatry official Journal of the American Psychopathological Association*, vol 43, no. 20 March/ April 2002

Volavka J - *Neurobiology of violence*. Washington, American Psychiatric Press, Inc., 1934

Wechsler D - *Escala de Inteligência Wechsler para adultos* - São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004

Who (World Health Organization) - *World report on violence and health: summary*. Geneve: Who, 2002. Disponível em: <http://www.who.in/ent>.

Acessado em 20/09/2009

Zimerman DE - *Fundamentos Psicanalíticos*. Porto Alegre: Artemed, 1999